

Elyana Barbosa

VICENTE  
FERREIRA  
DA SILVA  
uma visão de mundo

Salvador / Bahia – 1975

ELYANA BARBOSA

VICENTE FERREIRA DA SILVA

Uma visão de mundo

**Tese apresentada a Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da  
Universidade Federal da Bahia, para concurso de Professor Assistente  
do Departamento de Filosofia.**

Salvador – Bahia 1975

**BARBOSA, Elyana – *Vicente Ferreira da Silva – Uma Visão de Mundo* (Tese),  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975, 95 pág.**

Um indicio da maturidade da cultura brasileira é a autorreflexão sobre seus momentos centrais. Vicente Ferreira da Silva é com segurança um ponto central da especulação no que vai de século em nosso país.

Transitando desde a publicação em 1940 de seus “Elementos de Lógica Matemática”, sob o influxo de Bertrand Russell, até finalizar nos textos exponenciais de clima heideggeriano como “Idéias para um Novo Conceito de Homem” “Teologia e Anti-Humanismo”, passando por sua tese a “Dialética das Consciências”, talvez o livro filosófico brasileiro mais brilhante do século, a obra de Vicente começa a despertar as atenções dos estudiosos. Ainda há pouco. Orieta Borges dedica-lhes na Universidade de Roma, tese doutoral. Na Universidade de Heidelberg defendia-se no ano passado, uma tese sobre Heidegger, orientada por Hans-Georg Gadamer, de autoria de Carlos Gutierrez, onde a obra de Vicente era invocada para interpretar o sibilino filósofo da Floresta Negra. E coroando o ciclo de interesse e fecundidade de pensamento de Vicente, sai, também no ano passado, o magnífico livro de seu companheiro de lutas Adolpho Crippa – *Mito e Cultura*, onde discute-se tópicos básicos do ideário de Vicente.

Neste contexto de atenção aos escritos do pensador paulista destaca-se a tese da baiana Elyana Barbosa. Em uma rápida mas segura e consistente abordagem analisa temas centrais da especulação de Vicente: Ser, Mundo, Homem e Mito, numa primeira parte; numa segunda, confronta as teses de Vicente com as de outros pensadores contemporâneos desde instauração; e deixa-se conhecer como Dispensator.

Diz-nos a autora que o objetivo de seu trabalho “é divulgar o pensamento de Vicente Ferreira da Silva, mostrando sua elevada importância e originalidade em meio aos pensadores contemporâneos”. Conseguiu com maestria o seu propósito inicial; sua tese introduz-nos no universo mental de Vicente e em sua mensagem final (após um período antropocêntrico) a do pensar sobre o Ser.

“Esse pensamento deve pensar uma realidade que é uma não coisa, um não-ente, que está além de todos os entes e que entretanto os revela, ilumina, desoculta e projeta” (Vicente, Obra II-336).

Essa visão supera a tradicional, na filosofia moderna, onde o homem como subjetividade, é o centro de referência e sentido do mundo, fonte das iniciativas históricas em plena e imprevisível liberdade.

Vicente nos mostra pela pena adestrada de Elyana Barbosa como essa liberdade humana insere-se como “O vir a ser de uma Teodicéia”, como “um indício de acontecimentos” originados sob forma mítica que constitui a matriz das possibilidades dentro das quais é possível a liberdade humana.

O ser como *Fascinator* gera os projetos históricos, como *Sugestor* ilumina as possibilidades de instauração e deixa-se conhecer como dispensator.

Com argúcia observa Elyana Barbosa que a inserção da história do ser não elimina a liberdade.

“O Ser não determina a vida do homem; oferece possibilidades. O Mito é o pré-existente; nada acontece que não esteja presente nele, o que não significa determinismo”. Pois “O Ser projeta vários Mitos; logo, cabe ao homem desprender da Mitologia já instaurada e escolher outros Mitos que oferecem outros mundos. Daí não podermos dizer que é determinista a visão de mundo de Vicente” (pág. 64).

O tema da ocultação do ser é o mais aprofundado do trabalho de Elyana Barbosa revelando uma vocação para as questões mais complexas da filosofia, ainda rara em nossa cultura. Sua exposição é exemplar; gostaríamos todavia de um maior detalhamento da segunda parte para percebermos as sutis trocas e comunicações entre Vicente e Heidegger, Schelling e Jaspers. Limites de tempo por razões acadêmicas impediram-no.

As editoras brasileiras estão na obrigação de retirar do limbo da edição privada esta estupenda tese, sintoma de maturidade de nossa cultura e testemunho de uma brilhante vocação filosófica à qual auguramos uma trajetória longa e fecunda.

Não podia terminar esta nota sem consignar um protesto contra o destino. Lendo as páginas de Elyana sobre a verdade e historicidade, recordei-me das últimas conversas com Vicente no ano de sua morte na redação de *Convivium*. Vicente iniciara uma

revisão de seu pensamento buscando o sistema, apenas iniciada nos escritos que nos deixou. Estava de posse de uma intuição-fonte e ia começar a escrever, desenvolvendo-a, sobretudo em relação à Verdade que via ameaçada no conflito ideológico.

O Destino cerrou os lábios e o olhar irônico quase demoníaco daquele que via a intimidade do Ser e do Mito.

Ubiratan de Macedo

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. O PENSAMENTO DE VICENTE FERREIRA DA SILVA .....	11
1.1. O Ser .....	11
1.1.1 O Sugestor .....	12
1.1.2 O Fascinator .....	13
1.1.3 O Dispensator .....	14
1.2 O Nada .....	16
1.3 O Homem .....	17
1.3.1 O problema da liberdade .....	19
1.3.2 Liberdade e verdade .....	21
1.3.3 A história .....	23
1.4 O Mundo .....	26
1.5 O Mito .....	28
1.6 A ocultação do Ser .....	29
1.6.1 Os condicionamento circunstanciais .....	30
1.6.2 A inteligência .....	31
1.6.3 A ciência .....	32
1.6.4 Os hábitos sociais .....	33
1.6.5 O histórico social .....	34
1.7 A desocultação do Ser .....	34
1.7.1 A Alétheia .....	35
1.7.2 A obra de arte .....	37
1.7.3 A poesia .....	38
1.7.3.1 Poesia-Mito .....	39
1.7.3.2 O Poema .....	40
1.7.3.3 A palavra poética .....	41

2. A FILOSOFIA DO SER .....	43
2.1. O problema do ser .....	43
2.1.1. Um pensamento metafísico .....	43
2.1.2. O problema do Ser .....	44
2.1.3. O Nada .....	45
2.2. O homem .....	46
2.2.1. A liberdade .....	49
2.2.1.1. Liberdade e História .....	51
2.2.2. A Verdade .....	53
2.3. O Mundo .....	55
2.4. O Mito .....	55
2.5. A ocultação do Ser .....	58
2.5.1. Formas de ocultação .....	59
2.6. A desocultação do ente .....	60
2.6.1. A obra de arte .....	60
2.7. Vicente Ferreira da Silva – um filósofo existencialista? .....	62
3. CONCLUSÕES .....	66
4. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	69

Obs: Todas as citações de Vicente apresentada neste trabalho aparecem em **negrito**. As citações de autores aparecem em corpo menor. Deste modo, dispensamos as aspas em ambos os casos.

# INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Foi através do Prof. A.L Machado Neto, Coordenador do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, que tivemos o primeiro contato com a obra de Vicente Ferreira da Silva<sup>2</sup>. Filósofo de grande mérito e originalidade, é significativo o seu legado a filosofia brasileira. Seus escritos, reunidos numa publicação em dois volumes do Instituto Brasileiro de Filosofia (1964-66) e, posteriormente, em um número especial de Revista Convivium (1972), não obtiveram, até aqui, a repercussão merecida.

---

<sup>1</sup>Este trabalho foi revisto em Setembro de 2013.

<sup>2</sup> Vicente Ferreira da Silva viveu 47 anos (nasceu em São Paulo a 10 de Janeiro de 1916 e faleceu bem acidente automobilístico em 1963).

Formou-se em Direito, em 1938, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, porém, dedicou-se aos estudos da Matemática e da Física.

Em 1939, casou-se com a poetisa Dora Mariana Ribeiro, em quem encontrou um verdadeiro companheirismo, mesmo no âmbito da sua vida intelectual.

Ainda em 1939, aos 23 anos, proferiu conferência sobre Lógica moderna no Instituto de Engenharia. Em 1940, publicou o primeiro livro de Lógica escrito no Brasil, sob o título Elemento de As primeiras leituras nos conduziram a seleção do tema: a ocultação do Ser. E, como estava a exigir o seu bom desenvolvimento, analisamos M. Heidegger, F. Schelling, Nietzsche, Holderlin, etc. de Schelling, A filosofia da mitologia. De Heidegger, todas as obras consideradas por Vicente como as mais importantes. O estudo desse dois filósofos muito contribuiu para a compreensão da filosofia de Vicente Ferreira da Silva, que se fundamenta na teoria do Ser, de Heidegger – a Alétheia – e na concepção sobre o Mito, de Schelling. Lógica matemática. Vicente Ferreira da Silva foi o primeiro leitor brasileiro da Lógica Matemática de Bertrand Russel e Whitehead (CF. Convivium, p.198). Era membro da allgemeine Gesellschaft für Philosophie in Deutschland e do conselho Científico da famosa coleção Rowohlt's Deutsche Enzyklopaedie, ao longo de personalidades de projeção internacional.

Em 1949, fundou, com Miguel Reale, o Instituto Brasileiro de Filosofia, do qual foi colaborador até o ano de sua morte. Neste instituto, Vicente Ferreira da Silva ministrava curso de Filosofia.

Por decisão do Conselho Nacional Universitário de Buenos Aires, foi membro honorário das Universidades Argentinas.

Também em 1949, assumiu a direção da Divisão de Difusão Cultural da Reitoria da Universidade de São Paulo.

Fundou a Revista Convivium e dirigiu a revista Diálogo. Colaborou com vários jornais, como o Manha do Rio de Janeiro.

Em 1948, publicou o seu segundo livro, Ensaios filosóficos; em 1949, Exegese da ação; em 1950, Dialética das consciências, em 1951, Ideias para um novo conceito do homem (traduzido para o Italiano). Grande parte da sua obra aparece sob forma de artigos e ensaios publicado na Revista Brasileira de Filosofia, na revista Convivium e na revista Diálogo, Escreveu numerosos artigos sobre Filosofia da Religião, sobre o homem, o mundo e a história. Outros artigos sobre filósofos, poesia educação, sociologia, política, etc. a forma escolhida para seus últimos trabalhos foi o diálogo filosófico, com personagens, dando movimentação e dinâmica as suas ideias.

Vicente Ferreira da Silva lia corretamente cinco idiomas modernos, o que lhe possibilitava a correspondência com vários países da Europa. Entre seus correspondentes mais assíduos figuram Luige Bogoline, de Bolonha, e Ernesto Grassi, da Universidade de Munich.

Pensador de mérito extraordinário, Vicente Ferreira da Silva era, no dizer de Julian Marias (Cf. Convivium, (Número Especial), p.183), ‘um homem que tinha que filosofar para poder viver’.



Dáí o interesse que nos levou ao exame e a interpretação de sua obra como objetivo deste trabalho.

O objetivo do nosso trabalho é divulgar o pensamento de Vicente Ferreira da Silva, mostrando a sua elevada importância e originalidade em meio aos pensadores contemporâneos.

Não foram poucas, porém, as dificuldades encontradas. A sua obra completa é constituída de numerosos artigos e comentários, o que torna bastante fragmentado o seu pensamento; a leitura de seus escritos não é fácil, pela linguagem hermética, metafórica e pessoal por ele utilizada. Por seu pensamento contrário a memória de raciocínio; pelo seu anti-anropocentrismo e irracionalismo; pelas suas verdades novas e inéditas; pelos assuntos mais diversos por ele tratados o que demonstra sua grande erudição; por todas estas razões, a compreensão do autor tornou-se, realmente, uma árdua tarefa.

De duas partes se compõe este trabalho. Na primeira, fizemos uma exposição do pensamento de Vicente Ferreira da Silva, desenvolvendo o conceito de Ser, Mito, Mundo e Homem, para chegarmos a parte principal da ocultação do Ser e as várias maneiras pelas se processa esta ocultação, concluindo, afinal, com enfoque sobre a desocultação. Na segunda parte, procuramos comparar os conceitos presentes na sua obra com os de outros filósofos, discutindo as suas colocações e mostrando a sua originalidade.

Os aspectos principais da sua filosofia são o rompimento com os princípios que regem o pensamento ocidental e a adesão a filosofia do Ser, de Heidegger. Rejeitando a dualidade sujeito-objeto, natureza-cultura, põe-se contra a ideia antropocêntrica do Universo e, como consequência, não aceita, também, a supremacia da razão sobre a realidade. Suas abordagens sobre o Mito inauguram uma nova perspectiva de visão de mundo.

O Mito é considerado Proto Poesia, algo instaurado pelo Ser, com a capacidade de desocultá-lo. O poeta, como intermediário entre o homem e o Ser, é o único com potencialidades capazes de intuir o que se passa no Mito.

O ato de conhecimento não está ligado ao sensível ou a razão, mas a um nível especial de consciência que antecipa todos os outros: a consciência mítica.

Não nos foi possível, nem era mesmo nosso objetivo, esgotar todos os assuntos originais da filosofia de Vicente, fonte inexaurível para trabalhos de pesquisa.

# **1. O PENSAMENTO DE VICENTE FERREIRA DA SILVA**

Nesta parte inicial, faremos uma exposição do pensamento de Vicente Ferreira da Silva, conceituando os temas relacionados com o Ser e o seu movimento de ocultação e desocultação.

Para uma adequada visualização de sua obra, impõe-se que nos desligamos dos preconceitos e da visão de mundo a que estamos condicionados por uma majoritária tendência filosófica e que a vejamos com o espírito aberto e acessível, de quem não foge às ideias novas.

Na explanação, não aparece qualquer interpretação do pensamento do autor. Se o fizéssemos, poderíamos confundir sua compreensão. Por isso mesmo, a discussão dos seus conceitos é apresentado na segunda parte deste trabalho.

Vicente utilizava uma linguagem hermética, constituída, muitas vezes de palavras criadas por ele, derivadas do grego e do latim. Esta terminologia original torna complexa a leitura de sua obra, enquanto não nos familiarizamos com os seus conceitos.

A necessidade de uma parte apenas expositiva do seu pensamento se torna imperiosa, visto que os temas agitados por Vicente (homem, liberdade, mundo, Mito, Ser, etc.) são conceituados de maneira diversa daquela que, comumente, encontramos e que está vinculada ao acervo do nosso pensamento ocidental.

Importante é que fique suficientemente claro o nosso escopo nesta tese: expor sistematicamente, o pensamento de Vicente Ferreira da Silva, discorrendo sobre os seus conceitos relacionados com o Ser.

Vicente trabalha com três conceitos fundamentais, que embasem o seu pensamento: o do Ser, o Mito e o de Mundo. Aqui, encontramos três níveis de verdades que se sobrepõem. De acordo com a própria estrutura o seu pensamento, procuramos estabelecer, em nossa exposição uma ordem hierárquica começando pelo conceito de Ser.

## **1.1. O ser**

### **O Ser é o Sugestor da sugestão do sugerido (v.1, p.314).**

Toda a história da Filosofia tem se caracterizado pela procura do Ser. A história da filosofia é a história do Ser é a teoria da realidade. Quando descobre que algo existe, o homem indaga: o que é isso que existe? Como existe? Isso é o Ser.

Para Vicente, a verdade está no Ser, um Ser que realiza várias funções: de FASCINATOR, SUGESTOR, DISPENSATOR, PROJETO INSTITUIDOR DAS COISAS, MATRIZ de onde provêm todas as determinações e possibilidades dos entes. Cada função opera um tipo específico de realização. Estas denominações do Ser não são sinônimas; caracterizam cada uma de suas atividades.

A principal característica do Ser é a sua capacidade de projetar-se além do existente e aí estão a sua originalidade, propondo-se livremente um fim e encarnando-o, depois, na ordem das coisas (cf. v.1, p.31). O Ser sugere e possibilita que a sugestão dada se concretiza.

### **O Ser é o sugestor da sugestão do sugerido (v.1, p.314).**

Analisando este conceito do Ser, observamos a existência de três níveis diferentes que devem ser destacada: o Ser como Sugestor, o Mito como Sugestão e o mundo como Sugerido três níveis necessariamente inter-relacionados, pois não pode haver o sugerido sem a sugestão, e esta provêm de um nível mais alto, que é o Ser como Sugestor. O Ser é uma iluminação que se projeta que é transcendente, que possibilita a existência do ente, por ele sugerido. O Ser sugere as possibilidades de determinação ele é o Sugestor. O sugerido é o de terminado, é o que se fez, cumprindo a sugestão, que para Vicente, parte do Mito. O Mito é a mediação entre o Ser e o ente.

**O sugerido é o que é proposto, isto é posto como imagem a cumprir, ou como imagem antecipadamente esboçada. Essas imagens não seriam as nossas imagens das coisas, imagens de imagens, mais sim as próprias coisas como imagens prototípicas (v.1, p.314).**

#### 1.1.1. O Sugestor

A sugestão só pode provir do Ser. Não pode proceder do ente ou das coisas, uma vez que o ente já é o sugerido pela instauração originária. O sugerido tem a sua fonte no Sugestor, que é o domínio projetante do Ser, isto é, o Aberto da liberdade instauradora.

**A abertura de um mundo é a obra do poder projetante do próprio Ser em sua liberdade arrebatadora e transcendente. O poder projetante constitui a condição de possibilidade das possibilidades humanas e de toda condição particular do homem (v.1, p.266-267).**

O mundo só é desvelado quando o Ser permite este desvelamento através de uma Fascinação.

**O Ser é o Sugestor, o Fascinator, aquilo cuja manifestação ou fulguração se do como polo pulsional erótico e que traça ou desvela as coisas ao fascina-las (v.1, p.316).**

O Ser é a fonte de todos os comportamentos. Além do oferecido, manifesta-se o oferecer do ainda não oferecido.

O Ser não é experimentado como uma forma, mas pensado como o possibilitante das possibilidades, como o iluminante do iluminado.

#### 1.1.2. O Fascinator

O Ser é o poder revelante, e como tal, é o Fascinator. A tonalidade emocional e pulsional do Ser é que constitui a Fascinação.

**O Ser é o poder desocultante ou revelador, é o domínio de um projetar-desvelante, ou ainda introduzindo uma expressão que nos parece mais apta para apresar estas ideias, o Ser é um Fascinator que faz irromper um espaço de desempenhos (v.1, p.308-309). A condiciona e envolve todas as consecutivas “aberturas da palavra” (v.2, p.341).**

O Ser é o poder que desoculta e revela o ente. Como um Projetar-desvelante, ele é o Fascinator, que permite que as coisas se realizem.

**O Ser é o Fascinator, o indutor de um campo afetivo, o deflagrador de um mundo de possibilidades patéticas (v.2, p.505).**

O ente determinado manifesta-se como Fascinação.

**A Fascinação é o próprio lugar de uma projeção do mundo (v.1, p.315).**

O ente se manifesta como Fascinação enquanto ser revelado. A Fascinação é a essência última do ente como realidade descoberta.

O Ser dado, já determinado, é o “ser fascinado”, a experiência do Ser é uma experiência de arrebatamento e de sugestão. A essência da Fascinação consiste em abandonar-se ao oferecido.

A presença da Fascinação do ser é o que caracteriza a sua originalidade. Vicente não encontrou, entre os filósofos do Ser, quem tivesse omitido opinião semelhante.

A filosofia atual tem como tarefa o pensamento do Ser.

**Esse pensamento deve pensar uma realidade que é uma não-coisa, um não-ente, que está além de todos os entes e que entretanto os revela, ilumina, desoculta e projeta (v.2, p.336).**

O Ser é iluminação. Para haver o desvelamento é necessário que o Ser seja iluminado por uma luz que provoca a “abertura” de mundos. O Ser é o projetar e o iluminar. Esta luz descobre e projeta os entes.

A verdade do Ser elimina qualquer autonomia da verdade do ente, que é puro projeto e determinação do ser. Sua essência e verdade é a do Ser, não possuindo o ente, qualquer verdade que não esteja relacionada com o Ser. O Ser é a Matriz do ente; este por sua vez é absorvido e reabsorvido por esta matriz.

**No reino do Ser, o desvelamento está, pendente toda a configuração do ente, todas as possibilidades estão incluídas e resolvidas no domínio do Dispensator, do Ser, da Luz (v.1, p.342).**

### 1.1.3. O Dispensator

O ser como Dispensator, põe à disposição o cognoscível e desperta em nós a apetência do conhecimento. O cognoscível é o já oferecido, que ao se manifestar e imobilizar esconde e oculta a parte do Oferecer. O Dispensator é o oferecer do cognoscível.

**Se um conhecimento do Dispensator, isto é, do oferecer, for acessível ao pensamento, só o será ultrapassando a esfera do conhecimento humano na qual estamos lançados e abandonados (v.1, p.312).**

Vicente preocupou-se em nominar o ser de acordo com as suas funções. Enquanto projeta e instaura um campo de possibilidades, é o fascinator. Porque oferece a possibilidade de ser conhecido, é o Dispensator.

Na projeção do mundo, estão implicados, não só o oferecimento de um nexo de possibilidades, como a concomitante recusa de uma esfera de outras possibilidades.

O Projeto Instituidor do mundo parte de uma Matriz Transcendental Superior<sup>3</sup>, onde estão todas as possibilidades, mesmo aquelas não pensadas, nem determinadas, mas que se encontram presentes no fascinador.

**O projeto instituidor do mundo é simultaneamente o projeto dês-fechante de uma “animalitas” (v.1, p.365).**

O traçar do ente se manifesta como **a irrupção de um campo emocional e não um simples desenhar de essências visualizáveis ou como um mundo de representações (v.1, p.315).**

**Todo projeto é (...) um projeto recusante, desde que a abertura do ente é concomitante ao fechamento e a ocultação de outras áreas reveláveis (v.2, p.181).**

A consistência última do Ser se esgota no iluminar projetiva (v.1, p.317).

**Além do já conseguido manifesta-se o poder consignante transcendente, além do oferecido manifesta-se o oferecer do ainda não oferecido... (v.1, p.317).**

Com este pensamento sobre o ser, Vicente demonstra a capacidade ilimitada e infinita que tem o Ser: é tudo como possibilidades, roubando ao homem qualquer capacidade ou auto-suficiência de ser ou fazer alguma coisa fora de seu domínio. Vicente condena a visão antropocêntrica do universo, transferindo para o Ser todas as realizações mundanas.

**...o homem deve ser compreendido ao mesmo tempo como um ente e como um ser que transcende todos os entes. Aparece-nos como ente, na medida em que o encaramos em sua condição derelicta e abandonada, em sua “gworfene Realitaet” e como não ente na medida em que ocupa a posição de emissário das potencias demiúrgicas originais (v.1, p.245). (grifo nosso)**

Para Vicente, os bens culturais não surgiram da pressão de necessidades, ou da simples invenção humana, mas de uma revelação do Ser.

---

<sup>3</sup> Ao falar em matriz, Vicente nos lembra Platão. O que nos impossibilita uma comparação entre estes dois filósofos é ser a concepção platônica do mundo destituída de liberdade, como o próprio Vicente comenta: “esta concepção não pode resguardar o sujeito, no conhecimento e na ação de um papel meramente passivo e reprodutivo, despido de liberdade”. Conhecer é para Platão, copiar as ideias e amarras e obedecê-las. Tudo ai é heteronímia e passividade (v.1, p.30).

**O homem, de qualquer forma, só pode representar o que se iluminou e se revelou a ele através de uma Luz, sempre presente (v.1, p.358). ... o homem é um simples destinatário de possibilidades (v.1, p.361).**

Atribuindo ao Ser todas as funções, Vicente vai de encontro ao antropocentrismo, que tanto vem caracterizando o pensamento ocidental. No decorrer de sua obra, constata o que considera o homem o centro de todas as coisas é uma das formas de ocultação do ente. Esta maneira tão simples e evidente de ver o mundo- o antropocentrismo- é uma interpretação surgida principalmente depois do cristianismo quando ocorreu a “deificação do homem e a humanização de Deus”, e daí para cá, passamos a considerar o homem como “super-homem”. Para Vicente, foi também Cristianismo que se estabeleceu a diferença entre Natureza-Espírito, Pessoa-Coisa, Sujeito-Objeto. Sendo todas as coisas manifestações de Ser, providas da mesma Fonte, não poderia haver diferenças entre elas. A dicotomia destas manifestações obscurece a verdade e impossibilita ao homem chegar até ela (Cf. v.1, p.283-296).

Uma filosofia do Ser, para ter coerência, deve se estruturar no anti-antropocentrismo. Não tem sentido que alguma coisa surja do homem desvinculado do Ser, e, assim, o homem passa a ser o “pastor do ser”, e não o seu senhor.

**A consciência do homem recebe impulsões das potencias e as obedece (v.1, p.244).**

## **1.2. O Nada**

Ao falarmos em *Nada* entendemos este conceito como algo vazio, sem sentido o *Nada* não representa significado algum. Contudo, em Vicente, este conceito está ligado ao Ser. O *Nada* está ligado ao Ser enquanto este é uma não-coisa, um não-ente. O Ser, enquanto não se configura como ente, é *Nada*. O Ser é o domínio do projetar e, enquanto é apenas projeto e não está configurado, constitui-se em *Nada*.

É o pensamento do Ser como pensamento de uma não-coisa que se identifica como o *Nada*, que também é uma não-coisa; por tanto este *Nada* não expressa, como diz Vicente, **uma privação vazia de sentido uma plenitude dadivosa, um ploutos (v.2, p.337).**



O Ser, ao confrontar-se com as coisas (res) é *Nada*. É *Nada* como Projeto Instituidor que dá formas, que ilumina que revela. Não o *Nada* estereotipado pelos símbolos linguísticos. É um *Nada* que é Tudo como possibilidade.

O Ser é tudo como possibilidades e *Nada* como não ente.

O ainda não configurado é *Nada*, que passa a ser alguma coisa ao se configurar.

### **1.3. O Homem**

**“... somos sempre a possibilidade de nós mesmos” (v.1, p.206)**

A filosofia do Ser rejeita o conceito de homem preconizado pelo humanismo. Vicente chama a atenção para a nova concepção da essência do homem, que vem nascendo no pensamento filosófico atual.

Quem primeiro chamou a atenção para este novo conceito de homem foi Heidegger, ao falar sobre uma noção de liberdade mais ampla, que o homem está adstrito e que se opõe à noção de liberdade subjetivista, característica de algumas correntes existencialistas.

O novo conceito de homem surtido pelo filósofo retira o homem do centro do mundo, visto como o responsável pelo desenvolvimento cultural e tecnológico, e o coloca como aquele que cumpre ordens, realiza sugestões de um Poder Fascinante e Iluminador, em relação ao qual ele é apenas o executor de tarefas, sem maiores atribuições e responsabilidades.

**O homem, portanto, não é o Senhor do Ente (...), mas o pastor do Ser (...), isto é, aquele que deve cuidar para que seja preservado o elemento do Ser (v.1, p.260). (grifo nosso).**

O homem não possui domínio sobre as coisas, mas, percebendo-as, permite que elas sejam. O homem cuida do ente revelado pelo Ser. O homem, enquanto relação com o Ser é o revelador da verdade das coisas.

**A situação do homem na escala dos entes sofre uma alteração fundamental, pois o homem deve ser compreendido ao mesmo tempo como um ente e como um ser que transcende todos os entes (v.1, p.244-245)**

O que configura a essência humana é o seu relacionar-se com o Ser. Somente Através da força iluminante do Ser abre-se um mundo que possibilita ao homem o seu

desempenho. O homem não é um demiurgo que delibera sobre a estrutura e o conteúdo do mundo, mas é o ser que, abandonando a história, pode escolher um dos caminhos que lhe foram destinados (cf. v.1, p.265-266).

**O homem não é o ente que des-vela e esboça o outro ente, mas é ele co-projetado no projetar-se do mundo, a partir da dimensão do Fascinator. O homem é instituído em si mesmo a partir das sugestões lançadas pelo Ser. O poder destinante pertence essencialmente à revelação divina, que reveste o agente de sua configuração própria e estende em torno dele a circunstância de suas operações possíveis (v.1, p.320) (grifo nosso).**

O homem é um ser sem forma que pode receber todas as formas, como um verdadeiro Proteu (cf. v.2, p.211). Ele é um ser abandonado ao seu próprio modo de ser, sempre além do princípio limitante da Matriz. Ele só tem acesso as suas próprias possibilidades. O homem é o revelado pelo projetar instituidor.

As coisas já determinadas são encerradas em si mesmas, e o homem como subjetividade abre-se para outras possibilidades.

**O homem como não coincidência consigo mesmo é aquele ser que vive no possível; é segundo nos diz Kierkegaard, aquele ser que deve “educar-se no possível” (v.1, p.37).**

O que faz o homem ser diferente dos outros entes é poder entrar em relação com o Ser, pois é o único animal que tem possibilidade de transcender-se.

**Este relacionar-se com o Ser configura a essência humana; entretanto, o homem é um princípio derivado, algo que deve ser compreendido a partir da “gelinchtete Dimension”<sup>4</sup> do Ser. Somente através da força iluminante do Ser abre-se um mundo e são outorgados ao homem as possibilidades de seu desempenho como homem, em toda a amplitude de seu conteúdo histórico (v.1, p.265).**

Todos os animais e todas as coisas já estão completos e prontos. Cada animal é o que é. O homem, ao contrário, é um fazer-se, um criar-se, um cultivar-se, um

---

<sup>4</sup> Dimensão Iluminada

transformar-se, atitudes que se coligem na forma cultural e produtiva de seu ser (cf. v.2, p.223).

**O homem em contraposição aos demais entes seria um ente sem essência pré-determinada, mas capaz de dar-se uma essência ou natureza. Essa capacidade de autoformação, de ontogonia é decorrente da liberdade que vive no fundo do homem da liberdade que é o homem, como capacidade de escolha, de escolha livre e fundamente de seu próprio modo de ser (v.2, p.364).**

O homem se conforma com a realidade possível de ser dominada, interpretando todas as coisas a partir do seu mundo de ocupações e afazeres. O homem, enquanto não se liberta e relaciona com o Ser, torna-se incapaz de transcender a sua realidade. Somente enquanto é liberdade, é devir, enquanto está sempre a procura de si mesmo o homem pode chegar ao Ser.

O homem está no mundo para cumprir as sugestões dadas pelo Sugestor, revelando a verdade iluminada pelo Ser e cumprindo a sua liberdade.

### 1.3.1. O problema da liberdade

O conceito de homem em Vicente nos leva, inicialmente, a pensar em um homem determinado pelo Ser. O Ser, entretanto, não determina os caminhos do homem, apenas os sugere. O homem escolhe entre as sugestões que lhe são oferecidas. Deste modo a noção de liberdade como o que oferece possibilidades ao homem de escolher, livremente, as suas realizações é substituída por uma noção de liberdade que só pode ser compreendida em relação ao Ser.

**... querer ou ser livre significa “o abandonar-se ek-stático do homem existente ao desvelamento do Ser” (v.1, p.391)**

Para Vicente, o conceito da liberdade como uma auto-determinação do sujeito individual é substituído por uma noção de liberdade que só será entendida como poder de escolha entre as várias possibilidades oferecidas (cf. v.1, p.390). A liberdade do homem existe enquanto lhe é permitido escolher dentre as várias possibilidades determinadas pelo Ser.

**Na intimização do homem com os desempenhos e modos-de-ser oriundos do ditado do Ser é que está a raiz profunda da liberdade, na consagração e cultivo das tarefas radicais da época histórica (v.1, p.391).**

**O homem é livre na medida em que abre campo às manifestações do ente, em que permite que se manifestem as diversas investidas ônticas (v.2, p.211).**

A noção de liberdade está, aí, relacionada com a possibilidade de o homem chegar à verdade do ente.

**Expor-se livremente a livre manifestação do ente é o critério superior da liberdade, segunda a célebre definição de Heidegger: A liberdade é primordialmente a entrega ao desvelamento do ente como tal. A possibilidade de um abandono à patência do ente manifestado, à possibilidade reportar-se desembaraçadamente ao manifestado, é o critério fundamental do ser-livre. (v.2, p.213).**

A liberdade se cumpre no momento em que permite que as coisas se exponham, que os entes se desocultem.

**A liberdade manifesta-se como aquilo que permite serem as coisas. Este permitir-se, como liberdade, deve ser compreendido como uma ex-posição às coisas, como ek-sistência. Existir, neste sentido, é um estar fora, um consentir projetar-se, um dar espaço à manifestação do manifestável (v.2, p.295).**

A liberdade pode ser entendida sob duas perspectivas: a liberdade que é própria do ser e a liberdade humana, duas dimensões que se encontram, mas que não podem ser confundidas.

**Assim, pois, sendo a liberdade a condição de patentização do ente, é ela que permite-ser às coisas, que abre campo ao seu apresentar-se. Eis porque podemos definir a liberdade como o permitir-ser do ente. A liberdade assim compreendida – diz Heidegger – como permitir-ser do ente, cumpre e efetua a essência da verdade sob a forma do desvelamento do ente, como desvelamento (entborgenheit). De fato, o que permite que se desenvolva uma circunstância de coisas, um mundo, é justamente o ato desvelador da liberdade como transcendência do ser bruto. A investida de sentido e o desvelamento do ente constituem uma só operação (v.2, p.295).**

### 1.3.2. Liberdade e verdade

Os conceitos de verdade e de liberdade se encontram inter-relacionados. A essência da verdade é a liberdade, porque encerra todas as possibilidades de realização do Mito. Aqui caberia uma elucidação a respeito do conceito de Mito. Sobre ele falaremos mais largamente, quando tratarmos da desocultação do ente.

O Mito é que desoculta a verdade do ente. O Mito é considerado como um Todo. O homem só chega à verdade através dos mitos.

**A experiência mítica realiza-se num nível especial da consciência. Há na estrutura da consciência, a capacidade de perceber a realidade em si mesma. Esta percepção mística antecipa todas as formas da consciência...**<sup>5</sup>

É através da consciência mítica que chegamos à verdade, a qual não é uma coisa estática, uma coisa determinada, já pronta, porque o ser determinado é o que oculta à outra possibilidade. O ser é o vir-a-ser, e a verdade está sempre desocultando-se e ocultando-se, e a liberdade é necessária para que se realize a Alétheia<sup>6</sup>, que é a principal.

**A verdade do ser não se detém nas possibilidades humanas, não se confunde com a ideia substancial do homem, mas corresponde ao pensamento de um princípio selvagem e irreprimível, a um abismo que não demonstra qualquer complacência com a epocalidade de suas manifestações (v.1, p.322-323).**

O que caracteriza os filósofos, de uma maneira geral, é a procura da verdade. Este problema surgiu com as primeiras indagações filosóficas.

A verdade, no mundo ocidental, está ligada ao já dado, ao já determinado, ao que é. "Chamamos verdadeiros ou falsas nossas enunciações sobre o ente..."<sup>7</sup> Se

---

<sup>5</sup> CRIPPA, A. *A sacralidade da cultura*. p.2.

<sup>6</sup> O termo Alétheia vem do grego e significa verdade como movimento, vir-a-ser. O ocidente usa a palavra *verdade* referindo-a a coisa passada, ao já dado. Heidegger retoma o termo grego Alétheia para significar velamento e desvelamento do Ser, verdade como desvelamento. "A 'verdade' é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura" (Heidegger, *Sobre a essência da verdade*, p.337). Vicente a usa também como ocultação e desocultação. Alétheia como manifestação, revelação parcial, porque sempre se revela uma parte do ente, não manifestando todas as possibilidades que estão no Ser.

<sup>7</sup> HEIDEGGER, M. *Sobre a essência da verdade*. p.331.

consideramos uma enunciações como verdadeira quando o que ela designa e exprime está de acordo com a coisa sobre a qual se pronuncia, como podemos saber se há realmente uma conformidade, ou se foi o pensamento que estabeleceu essa adequação?

Considerando como Heidegger e Vicente, a liberdade como essência da verdade, chegamos ao seu conceito real, porque a liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente (...) a

**liberdade enquanto deixar-ser do ente é em si mesma uma relação resolvida, uma relação que não está fechada sobre si mesma. Todo comportamento se funda sobre esta relação e dela recebe a indicação que o refere ao ente e a seu desvelamento.<sup>8</sup>**

O que Heidegger e Vicente não aceitam é o conceito de verdade como algo estático, passado e imutável, porque um ente possui várias faces a desocultar uma delas, num movimento infinito. O Ser nunca se mostra totalmente.

Vicente rompe com o conceito de verdade consagrado pela filosofia ocidental e nos demonstra que nunca chegamos a conhecer o objeto na sua totalidade, existindo sempre verdades a serem descobertas.

A providência do Ente descansa história do Ser (v.1, p.283).

Grego Alétheia para significar velamento e desvelamento do ser, verdade como desvelamento. "A 'verdade' é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura." (Heidegger, sobre a essência da verdade, p.337) Vicente a usa também como ocultação e desocultação. Alétheia como manifestação, revelação parcial, porque sempre se revela uma parte do ente, não se manifestando todas as possibilidades que no ser. HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. P.331.

A liberdade como essência da verdade existe na poesia e na arte.

**Se a realidade de todos os dias é experimentada como uma forma implacável e impositiva onde não tem jogo a nossa liberdade, se nela nos sentimos enclausurados, a realidade estética é pelo contrário, em sua essência mesma, emancipação, liberdade. Nela, não sofremos o objeto; formamos e damos ser ao objeto (v.1, p.125).**

---

<sup>8</sup> Ibid., p.336 e 339.

A vida poética tem, na palavra e no Mito, uma de suas possibilidades de revelação. A verdade do Ser é a verdade do Ente, na medida em que

**a proveniência do Ente descansa na história do Ser (v.1, p.283).**

A verdade do Ser aparece sob a forma poética-poesia como Mitologia.

**As potencias mítico-divinas constituem o original pôr-se em obra (ins Werk setzen) da verdade do Ser, como constituição de um mundo. Se antes a religião e o mito e a religião eram compreendidos do homem para Deus, de baixo para cima e conceituados como projeções dos anseios humanos, agora é o homem e seu plexo de anseio que devem ser fundados a partir da verdade desvelante do Ser, isto é, através da obra de arte (v.1, p.285).**

O homem é este cumpridor de realizações sugeridas pelo Ser. A sua liberdade consiste em escolher dentre as várias possibilidades que lhe são oferecidas, e a verdade é exatamente a liberdade que permite ao ente sempre desocultar-se.

A verdade está no Mito, o Mito é a verdade e a sabedoria (cf. v.1, p.59), porque o Mito é um reflexo do Ser. O Ser instaura a Verdade no Mito, e o homem recebe a verdade através do Mito, ou seja, da consciência mítica.

No que se refere a escolhas de realizações que estejam fora do Mito e das possibilidades que por ele oferecidas, o homem perde a sua liberdade, porque,

**somos condenados ao drama da antropogênese e não temos arbitro para alterar a nossa dotação mítica (v.1, p.324).**

**Todo comportamento humano move-se e desenvolve-se num abeto, num mundo desvelado, onde não só as coisas, mas simultaneamente o agente atuante e suas “démarches” e disponibilidade de atuação já estão pré-figuradas (v.1, p.390).**

### 1.3.3. A História

Para Vicente, a história que governa o mundo não é a história humana, mas o tempo mítico. O Mito é o intermediário entre o homem e o Ser.

**... não é a história que explica o Mito, mas sim o mito que explica a história, desde que só no domínio transcendente do mito nos são consignados os cânones permanentes de qualquer desempenho valioso (v.1, p.280).**

Os culturalistas e historicistas da contemporaneidade consideram o homem como o fazedor da História – a que é compreendida como campo de realização da humanidade. Segundo Vicente, porém, o homem foi jogado na História por algo que ultrapassa seu próprio poder. Se o ser do homem é um ser de empréstimo, um ser que realiza as sugestões dadas pelo sugestor, então se trata

**é de uma alteridade que tem no homem uma de suas expressões. O homem é o vir a ser de uma Teodicéia, o que vale dizer o mesmo da História, desde que o homem é sua própria História. O homem é um indício de acontecimentos que passam além de sua consciência e dos quais, entretanto, a sua consciência é uma eminente expressão. A História está ligada a uma matriz, a uma alteridade instituidora, que desoculta o desempenho homínico. Os desempenhos dependem do desempenhável e este, por sua vez, depende da “fascinatio” que empresta aquele a sua essência e natureza essenciais. Na História, portanto, ao contrário do que afirmou Hegel, nada se realiza de novo. Esta não constitui, assim, um processo aberto, uma contínua criação de novas possibilidades, estando pelo contrário fechada pela fascinação original. A História humana não pode ir além do consignado, uma vez por todas, pela matriz, sendo toda transcendência finita uma insistência no oferecido, um novo rigor da “Fascinatio”. O movimento da História dá-se como um construir e reconstruir dentro de certas medidas, como uma afirmação do mesmo no diferente. E é porque existe este mesmo, reconhecível em todas as partes, que se pode falar por exemplo numa cultura cristã-ocidental (v.2, p.185-186).**

Este novo conceito da História parte do aspecto insistencial da ek-sistência, a existência como reflexo das iluminações projetadas pelo Ser, uma existência que não realiza nada de novo, apenas cumpre os modos de ser sugeridos pelo Mito. A História no Mito, não como a história do fazer humano, pois o fazer humano é realizar as sugestões do Mito. A História está no Mito como atualidade.

**A História é desfechada pela poesia compreendida como instauração de uma permanência, e se processa como um permanecer nessa permanência (v.2, p.186).**

**A poesia só pode realizar o seu papel desocultante, através desse permanecer no sugerido pela obra e no resguardar essa mesma investidura (v.2, p.186).**



No momento em que a poesia instaura um mundo, ela faz permanecer o que já é presente no Mito e que foi sugerido pelo Fascinator.

**Todo o processar-se da História cumpre-se no interior das sugestões consideradas pelo Fascinador. As possibilidades abertas pela essência fascinante da obra de arte, pela poesia, constituem o permanente, ou imutável, o resguardável que, estando além da história, fecha o seu horizonte prospectivo. A História não é, portanto, como pretendia Hegel uma inextinguível fonte de inovação e criação originais, um mundo criado pela espontaneidade imprevisível, de uma infinita liberdade. A História pelo contrário, é o processar-se de um mesmo, é o mutável de um imutável, é um movimento da identidade (v.2, p.187).**

A mudança histórica não é uma modificação intra-histórica, nem também um movimento dentro de referências axiológicas preestabelecidas, mas (...) uma terrível comoção meta-histórica que diz respeito ao aniquilamento e formação dos mundos. Somente nessas ocasiões é que podemos perceber – segundo Hölderlin – a força do meta-histórico, a presença de uma verdade transcendente em relação às vicissitudes finitas; somente nesses momentos podemos perceber “o mundo de todos os mundos, o todo de tudo”, isto é, aquele poder instituidor de mundos, e que, por isso mesmo, plana acima deles. Essa realidade é experimentada como um inesgotado e inesgotável de relações e forças, donde promana uma nova vida. É a partir deste infinito e inesgotável que se individualiza uma nova determinação da existência, um novo mundo, quando um novo possível entra no real, uma ciência do aniquilamento, como a consciência do aniquilado (v.2, p.188-189).

**Todas as normas valores, fins e medidas que determinam a ação histórica são desvelados por uma fundação mítica ou pela presença de poderes que estão além dos homens (v.2, p.366).**

Existe um Mundo que é a Matriz instituidora dos mundos, onde estão presentes todas as possibilidades. Este Mundo, que tem o poder instituidor das coisas e comanda todas as outras, é inesgotável nas suas determinações; por isso mesmo, há sempre mundos que foram instituídos e mundos que não foram aniquilados.

O homem não cria nada de novo partindo de suas próprias realizações. Há sempre no novo algo do passado que o condiciona e até possibilita a sua existência. Assim,

**o fenômeno do infinitamente novo não pode apresentar-se no tempo rotineiro e intra-histórico, no campo da ação do sujeito finito (v.2, p.189).**

**A forma das coisas depende da forma do divino e em última análise é uma sua expressão (v.2, p.190).**

Não há qualquer solidariedade ou identidade entre o princípio do Ser e a auto-consciência humana.

**O processo teogônico, que é o documento eônico do Ser, é totalmente excêntrico em relação ao princípio humano, não encontrando neste o seu foco terminal. A cumplicidade entre a verdade do ser e o estatuto humano – julgamos nós – é por sua vez um momento de vir a ser mitológico em marcha (v.2, p.191).**

O processo mitológico é uma abertura de tempos, trasbordando o ritmo histórico-hominídeo (Cf. v.2, p.191).

**...o próprio homem não foi lançado no destino da antropogênese por uma iniciativa ou deliberação próprias, mas por uma instauração meta-histórica, por uma determinação do Ser... (v.1, p.323).**

#### **1.4. O Mundo**

**...o nosso mundo é uma das possibilidades mundanais (v.2, p.495).**

O mundo é o campo de realizações fenomênicas, é o cenário onde o “drama da vida” se desenrola.

**A criação do mundo é um projeto de possibilidades, de um ato poético, no sentido mais amplo da palavra, que descobre, descerra e instaura uma visão das coisas (v.2, p.125).**

A concepção da origem e do fim do mundo difere da comum ou corrente. O mundo deve ser perspectivado em relação ao Mito, que já se encontra pronto e se constitui em um Todo. O mundo, como reflexo do Mito, deve ser visto também como um Todo:

**Negamos tanto a opinião dos que afirmam um começo das coisas, como essa afirmação do não-começo (v.2, p.123).**

A ideia de mundo correspondente à concepção kantiana, segundo a qual esta ideia não é idêntica as outras de objetos individuais, preciosos, a exemplo da árvore, do livro,

ou de qualquer ser intra-mundano. A ideia de mundo reflete a totalidade das coisas que o compõem e, por isso, não a temos nem pela experiência, nem por qualquer intuição.

**...o conceito de uma totalidade de fenômenos suscetível de começo e fim provem de uma totalização ilegítima que transforma a experiência móvel e indeterminada do mundo num objeto fixo e dado (v.2, p.123).**

O mundo, por não se tratar de um reflexo de coisas individuais, não pode a elas ser comparado, nem visto como objeto localizado num tempo e espaço. É o mundo como representação do nosso espírito que tem um começo e um fim, porém, o mundo como origem e fim deve ser interpretado em função da ideia mítico-cultural (Cf. v.2, p.123).

**O começo deve ser entendido como um complexo de pressentimentos e crenças, como nebulosa mítica... (v.2, p.126).**

O fim do mundo não é

**o desenlace objetivo de uma sucessão de eventos, como se assistíssemos ao cair do pano sobre uma peça acabada. Não, o ser-para-o-fim, o sentimento apocalíptico da existência manifesta-se como a tomada de consciência do colapso de uma cultura. O fim do mundo é o fim de um mundo, a ruína do existente, traçado num projeto histórico (v.2, p.126).**

O mundo é um ente ou um conjunto de entes, mas a condição de possibilidade de toda manifestação entitativa, transcendente a esta mesma condição, colocando-se como aquilo a partir do qual se organiza um plexus de coisas e de significado (cf. v.2, p.131).

Há uma

**matriz transcendental, a partir da qual se dá essa determinação das coisas (v.2, p.495).**

**O mundo da existência é um mundo compartilhado (ein Mitwelt) e o estar-no-mundo com-o-outro é um modo de ser constitutivo da própria existência, já que a existência é essencialmente coexistência. O mundo não se oferece unicamente como um campo de presenças objetivas, mas também como uma região de copresenças às coisas (v.2, p.160).**

O mundo permite as determinações do ente; as coisas as mundificam. Existem várias possibilidades de existência de mundo: o nosso é uma dessas possibilidades.

É no mundo que o homem pode encontrar o seu ser. É no mundo que as coisas podem se manifestar enquanto descobertas ou abertas pelo Projeto desocultante.

### **1.5. O Mito**

**Estamos abandonados e à mercê do processo mitológico, dele recebendo as oportunidades e formas dispensadas por sua capacidade posicional infinita (v.2, p.192).**

O Mito é inesgotável, pois há sempre sugestões a oferecer. O ser, pensar e fazer do homem já estão traçados no Mito.

**A vista meta-histórica supõe uma pluralidade de mundos e esta, por sua vez, uma multiplicidade de períodos teogônicos (v.2, p.193).**

Entende-se por vida meta-histórica aquela instaurada pelo Mito, que não dirige e orienta somente um mundo, mas todas as outras possibilidades de mundos.

**Um determinado mundo mítico constitui uma matriz de possibilidade que governam um período do acontecer mundial. A essência de uma matriz é ser transcendente ao gerado por ela, isto é o foco imutável do mutável, o foco estável da proliferação das formas suscitadas. O sugerido pelo imutável da matriz é o quadro variável do tempo histórico (v.1, p.320).**

O Mito funda a história. A História é a própria presença da essência fascinante das coisas.

**Dentro e no coração dessa permanência, dessa matriz dessa “facinatio”, evolui a História como momento existencial e como e resguardar de um desguardável (v.2, p.186).**

**A função iluminante e fascinante que ergue esse cenário cósmico-patético pertence ao mito e somente ao mito, que não é mera palavra ou epos literário, mas sim presença real e efetiva dos deuses a da atuação divina (v.1, p.318). O mito condiciona a história, abrindo e inaugurando o mundo em que ela pode se desenvolver. As potências mítico-divinas constituem o original pôr-se em obra da verdade do Ser, como constituição de um mundo (v.1, p.284). (...) ... o homem e o seu plexo de anseios (...) devem ser fundados a partir da verdade desvelante do ser,**

**isto é, através da obra de arte. É o dizer projetante que ao configurar o dizível traz o mundo igualmente o indizível como tal (v.1, p.284).**

**É, pois o dizer projetante, como mito, que funda a história, fazendo surgir o repertório de modelos e de atuações axiologicamente relevantes, que descortinam um espaço de ação histórica (v.1, p.284).**

A história da qual o homem faz parte não é unicamente a história humana, mas uma história mais abrangente. O homem é lançado na histórias não mediante qualquer iniciativa ou auto-determinação histórico-humana, mas através de uma “destinação” ou “posição” (na acepção ativa do verbo pôr) do Ser (cf. v.1, p.265).

A noção antropocêntrica da história deve ser abandonada. A história não é determinada por uma construção da subjetividade finita do homem, nem pelo progressivo

**encarnar-se de valores postos pelo homem (v.1, p.266).**

Os caminhos históricos estão presentes no Mito, e todas as possibilidades da atuação histórica do homem estão consignadas pela Matriz, que, através da fascinatão, estabelece o que é desempenhável.

**Todo o processar-se da História cumpre-se no interior das sugestões consignadas pelo Fascinador (v.2, p.187).**

Tudo já está implícito no Mito. As

**potencialidades do mito estão sempre além do realizado em cada momento e em cada acontecimento, como um ideal ou com o um dever ser sempre à espreita (v.2, p.186).**

O novo só é novo para quem não consegue ver estas potencialidades implícitas no Mito fundador de um ciclo cultural.

A História é a própria presença dos deuses e da essência fascinante das coisas.

#### 1.6. A Ocultação do Ser

**A evidência (...) é a maior inimiga de um acesso mais idôneo à verdade do ser (v.2, p.292).**

A filosofia ocidental preocupa-se em investigar o Ser como se nos apresenta, desvinculado de qualquer outra possibilidade de mundo que já não esteja instaurado e

instituído. O mundo do já determinado, do já oferecido, como a possibilidade instaurada, é uma ocultação. Quando o Ser se entifica, esconde as outras possibilidades de ser que não se realizaram. Em razão disso, Vicente condena a visão humanística, que considera o mundo como algo já determinado e condicionante.

Existem vários modos de ocultação do Ser. Um deles é a determinação do ente. Ao entificar-se, o Ser impede outras possibilidades de determinação. Para melhor entendimento, ilustraremos com a seguinte exemplificação: quando o Ser se determina como livro, perde as possibilidades de se constituir em algo diferente daquilo que é. Isso significa que toda desocultação corresponde a uma ocultação. O Ser, ao desocultar-se, oculta outras possibilidades do seu ser. O ente assim determinado assim permanece. As visões preestabelecidas do real produzem este instaurado. O homem, condicionado por suas circunstâncias, fica impossibilitado de ver o novo no velho e, bem assim, de cumprir outras formas de ser e de realizar que ficam ocultas:

**Devemos tender para uma realização vital policêntrica, abrindo-nos para outros dramas, que habitam estranhos e ainda sem nome o fundo da nossa alma. Serão talvez aquelas possibilidades que o nosso espírito recalçou ao dividir a realidade em sujeito, pessoa e coisa (v.2, p.494).**

**O permanecer no já instituído e fundado constitui o puro errar no não fundamento. É o errar que insiste em si mesmo e que se quer proteger contra o abismar-se no Abismo fundante (v.1, p.317).**

Os homens e as coisas devem estar em liberdade, permitindo um desvelamento, uma iluminação por parte do Ser. A redução do Ser ao já existente, ao imanente, mostra o Ser oculto e fechado.

**O imanente é a coisa, a realidade já sem esperança que só pode contar com o que já é seu, é a realidade plenamente encerrada e encerrada em si, que já não se abre para um amanhã e não anuncia senão a si mesmo. É a monotonia da repetição e do determinismo (v.1, p.29).**

#### 1.6. 1. Os condicionamentos circunstanciais

O desvelamento do mundo é, simultaneamente, ocultação. Todas as coisas estão ocultas. O profundo se oculta para permitir um desvelamento, que é característica

fundamental do ser. Todas as formas de explicação do mundo ocultam a verdade. O intelectualismo, o naturalismo e o positivismo são formas de ocultação do Ser visões preestabelecidas do real.

#### 1.6.2. A inteligência

A inteligência está presa ao real, ao que lhe é dado.

**O peculiar da inteligência é formar noções que representam tão exaustivamente quando se queira a constelação do existente; pela sua própria natureza, a inteligência está voltada para o passado (v.1, p.31).**

A inteligência deve permanecer em liberdade, sempre aberta para a Abertura. Vicente vê intelectualismo uma oposição ao existencialismo. Este considera o homem a liberdade máxima, admitindo que a essência do homem é ser liberdade. Desta maneira, o homem é um ser por se fazer, nunca uma coisa já formada, podendo realizar todas as suas possibilidades. O próprio homem a sua essência mesma, é ser, sempre, um ser por si fazer, jamais uma realidade fixa ou imutável. Já o intelectualismo vê o homem determinado pela inteligência, esta inteligência, limitada pelo já criado e impossibilitada de, sozinha, a antever o ainda não revelado. O positivismo e o naturalismo são formas de explicação do mundo que dão prevalência aos sentidos; são, também, formas de ocultação do ser.

**O tipo mais perigoso de degradação do ser na imanência, encontramos-lo em todas as formas do naturalismo e positivismo, pois a matéria é a forma excelsa do serrado em si mesma, do em si. Nestas formas, toda a transcendência e criatividade são simplesmente negadas em favor de uma identidade asfixiante e estéril (v.1, p.31).**

Estas formas de ocultação se manifestam na própria procura do ser, pois é a reflexão que, ao investigar o real, se desencaminha de várias maneiras (Cf. v.1, p.31).

**A vontade metafísica do homem valorizando os títulos e pretensões da multiplicidades dos entes que se lhe apresentam, escolhe este ou aquele setor como constituindo a camada básica do ser: a história do pensamento filosófico é a história destas escolhas e destes extravios (v.1, p.31).**

### 1.6.3. A ciência

Observa Vicente que um dos grandes obstáculos ao conhecimento do Ser é a condicionalidade do pensamento por fatores de ordem material. Nossos interesses e nossas paixões comprometem a posse da verdade. Também o cientista, por vezes submetido a esses interesse e essas paixões faz da ciencia uma das forma de ocultar o Ser.

**A palavra da ciência é sempre impositiva e coercitiva, é o verbo próprio do ‘estar aí’ das quais; a sua forma se atem ao que é e existe, constituindo o que chamamos a palavra ôntica (v.1, p.163). A ciência, em particular, só pode apressar e compreender o que lhe é oferecido pelo quadro de categorias que comanda o seu processo de conhecimento (v.1, p.357).**

Em relação a percepção da natureza há duas posições extremas: uma do cientista, outra do poeta. Vicente demonstra este seu pensamento citando Novalis:

**... Novalis contrasta, com grande maestria, a duas posições extremas do espírito em relação à natureza: a visão do poeta e a visão do homem de ciência, a visão que vivifica e a visão que mata. Ouçamos suas próprias palavra: “O que uns (os poetas) reúnem num todo estabelecendo massas vastas e ordenadas, os outros (os homens de ciências) elaboram para o alimento e para as necessidades cotidianas, dividindo e transformando esta natureza ilimitada em elementos variados, agradáveis e mensuráveis. Enquanto uns se interessam sobretudo pelas coisas fluidas e fugitivas os outro procuram, a golpes de machado, descobrir a estrutura interior e a relação das diversas partes. A natureza amiga perece em suas mãos, nada mais deixando que os restos palpitantes ou mortos; no caos do poeta, como que animada por um vinho generoso, transborda nos mais serenos e divinos cantos. Aquele que quer conhecer a alma da natureza, deve buscá-la em companhia do poeta, lá, onde ela se oferece, onde se prodiga seu coração maravilhoso. Aquele, porém, que não a ama profundamente, que não a admira e não a procura senão nos detalhes, deve visitar minuciosamente seus hospitais e ossuários” (v.1, p.48-49).**

Podemos observar, aqui, a importância atribuída por Vicente aos poetas, a quem se refere como aqueles que podem conhecer a verdade, ao lado do desprezo pela



ciência. A ciência, para ele, é um dos fenômeno mais intensos de ocultação, de máscara da realidade de construção de objetos, enquanto a poesia leva à verdade do Ser. A hipótese científica funciona como condicionante da verdade: quando vamos demonstrá-la, partimos de uma verdade preestabelecida, que nos possibilita transcendê-la e chegar à verdade mesma. A ciência é uma construção da liberdade, uma vez que o seu método é impositivo.

#### 1.6.4. Os hábitos sociais

Outra forma de condicionalidade do pensamento é a invasão do habito e do automatismo em nossa existência. A este respeito, enuncia Vicente:

**Uma vida habituada é uma vida que não mais se esforça, não mais cria, uma vida que perdeu toda audácia, liberdade, originalidade, processando-se como uma repetição mecânica das mesmas coisas (v.1, p.33).**

**O habito nos transforma em simples coisas (v.1, p.34).**

Conceituados pelo conjunto de formas consuetudinárias de comportamento, que são os hábitos sociais, tendemos a acomodação a certos esquemas de vida que nos são impostos exteriormente, sacrificando, desta maneira, o exercício pleno de nossa liberdade.

**Em grande medida recebemos a vida feita, pois o nosso eu social é um princípio anônimo e objetivo, uma estrutura que independe de nós e que nos vestimos para nos enquadrar num dado grupo (...) não há sociedade sem uma mentalidade comum, sem um modo coletivo de ver e conjurar o real, pois nessa visão anônima e social, o mundo se apresenta sob seus ângulos mais favoráveis e tranquilizadores (v.1, p.34).**

Mas podemos nos despejar do habito através da aventura, que nos dá condições de ver novas possibilidades.

**Apenas quando, lançados para o nosso povir, vamos ao encontro de um destino escolhido e livremente aceito, é que somos presentes em plena agudeza e vigilância (v.1, p.34).**

O homem tem condições de chegar a verdade do Ser, de ser autêntico. Isso ocorre exatamente quando, visualizando o Ser, escolhe o caminho que lhe foi por ele destinado.

Esta escolha é possibilitada pelo processo de desalienação que pode o homem sofrer ao procurara a Verdade, pois ele é um Ser condicionado pela sua história e pela sua cultura. Uma dessas formas de ocultação é o âmbito histórico-cultural em que vivemos. O que nos é oferecido por nossa cultura nos condiciona a mente, impossibilitando-nos de transcende-la e ver as outras possibilidades culturais que nos são oferecidas. O homem preso à realidade circundante, torna-se incapaz de antever o futuro. Condicionado pelo seu pensamento, que só pensa o que pensável, como pode transcender e chegar até a verdade? Através do pensamento poético da consciência mítica, “porque o homem não é a chave da compreensão do Ser Sugestor” (v.1, p.321), da percepção do Ser, mas é algo enquanto relação com o Ser.

#### 1.6.5. O histórico-social

O pensamento, condicionado pela cultura,

**obscurece no homem a consciência para evidencias mais profundas, para o “sensus sui” (v.1, p.34-35).**

Na medida em que procuramos nos desligar dos estereótipos

**com que o social e a consciência comum revestem as coisas para seu sossego, é que certos aspectos (...) da realidade se revelam transfigurando o habitat inócuo da cotidianidade. Surge então o homem subterrâneo, o homem essencial para quem duas vezes dois pode ser cinco. (v.1, p.35).**

A característica do ser é poder sair da ocultação provocada pela limitada interpretação do mundo, única que se entremostra capaz de dar o homem não-poeta. Este é o tema da tese de Vicente, relativa à desocultação do Ser. Por que e como ocorre esta desocultação?

#### 1.7. A desocultação do ser

**O desvelamento do mundo é simultaneamente ocultação e finitude (v.2, p.297)**

O Ser está sempre a iluminar, a projetar imagens a serem configuradas. Neste projetar consiste a sua desocultação. O Ser se desoculta no momento em que se determina como uma possibilidade das possibilidades sugeridas. Assim,

concomitantemente a sua desocultação, ele obscurece, todas as outras possibilidades oferecidas que não se realizaram.

#### 1.7.1 A Alétheia

A característica do Ser de velar-se e desvelar-se, de ocultar-se e desocultar-se é denominada Alétheia. No momento em que o Ser se desvela como possibilidade oferecida pelo Sugestor, oculta outras possibilidades que podiam também se determinar no seu dever ser, mas que estão ocultas pela sua maneira de ser atual. A Alétheia constitui uma das características do Ser-desvelamento, abertura, iluminação:

**O Ser é o iluminar da iluminação, é o fulgurar que desenha e delinea o sistema fundado do Ente (v.2, p.144-145).**

**O Ser como desvelamento, como abertura, como Fascinação rouba e suprime o ser-para-si do ente fundado. O ente, como sugerido pelo ser Sugestor, está à mercê das disposições das forças metantropicas (v.1, p.321).**

Isto quer dizer que o destino do ente é traçado por forças que estão acima da sua capacidade de auto-comandar-se. O Ser não vive oculto, porém é necessário que o homem se desaliene para chegar ao Ser. O Ser é um Aberto, porém, para atingirmos esta abertura é necessário que superemos todo o revelamento do ente, inclusive do Ente que somos.

**A graça do Ser só nos é concedida pelo abandono dos estereótipos do Ente. No avançar deste pensamento, tornamo-nos disponíveis para os poderes maiores do que o do homem, e para toda conexão de realidade abafada pelo reticulado das concepções humanístico-antropocêntricas. Através deste empreendimento especulativo executamos a rotação de perspectiva que nos leva ao patamar horizontal das representações e possibilidades ideativas do homem à terra incógnita em que o mundo humano encontra a sua “ratio-essendi” (v.1, p.283).**

Devemos abandonar todo preconceito em relação aos entes, para alcançarmos a verdade do Ser. Não devemos considerar, também as noções que estão na consciência, porque esta representa um modo de ocultação.

**O dar-se do ser transcende todo o dar-se do Ente, pois é o próprio dar-se do dado- a doação original (v.2, p.145).**

O dar-se do Ser não pode ser comparado ao dar-se do ente, uma vez que é o Ser que ilumina e revela o Ente, não havendo limitações no seu proceder. O mundo das essências e das possibilidades historicamente franqueadas surge de um desvelamento do ser.

**O ser nada mais é do que um poder revelante (v.2, p.354).**

As coisas que estamos acostumados a considerar como certas e verdadeiras são iluminadas por uma luz que descobre e projeta os entes. Esta luz é o ser como Poder Projetivo que configura a coisas. O pensamento dessa luz não é sabedoria, que, como medida, é uma forma transitória descoberta e revelada pelo Poder Projetivo do Ser. Na medida em que o pensável é algo de posto e disposto por um projeto, por uma “abertura” que põe a descoberto as coisas acessíveis, o ente revelado é menos original que o poder revelante, que vive na dimensão da Poesia e do Mito (cf. v.2, p.366).

O domínio do fundamento é o domínio do Ser, que se manifesta como luz que se desoculta e libera a totalidade do ente. O Ser é o fundamento das coisas, é o “Ser coisa das coisas”, que só se revela pela iluminação.

**“Quando e como, pergunta Heidegger, surgem as coisas como coisas? Eles não surgem da operação dos homens nem da vigilância dos mortais. “É necessário superar a imanência do feito-pelo-homem e os conteúdos da consciência representativa para alcançar aquela “cooperação” primordial de onde emergem as coisas (v.1, p.359).**

A desocultação se processa através da Poesia e da Arte. São elas que mostram e revelam as coisas.

**No dizer poético põe-se em obra a verdade projetante do Ser (v.1, p.261)**

Vicente fala da poesia como proto-poesia, porque as verdades reveladas por ela são verdades projetadas pelo Dispensator, são verdades que já foram instauradas no Mito. Por isso há uma identidade entre proto-poesia e Mito. Proto-poesia porque a atividade poética não é individual e arbitrária. O poeta, comunicador da verdade, é quem presencia a Alétheia e a revela através da obra de arte.

**...a essência da obra de arte consiste no por-se-em-obra da verdade do Ser (v.1, p.308)**

A poesia é considerada por Vicente como algo independente do homem, não como criação deste, mas como descobertura de um mundo existente como possibilidades.

Poesia-Mito, Poeta, Linguagem e Palavra são fenômenos inter-relacionados. A poesia-Mito Poe em obra a verdade projetante do Ser. É

**a abertura de um mundo, no sentido de convocação mágica de possibilidades (v.1, p.279-280).**

Os poetas são os únicos capazes de romper a prisão que o mundo é, e de viver no plano das possibilidades, não em função de uma determinada maneira de ser, mas a partir de “modos desconhecidos de ser” (cf. v.2, p.495-496).

**A Linguagem se manifesta como a “proposição” poética de um destino histórico (v.2, p.293).**

A Palavra é o que revela e instaura o Ser, nomeando-o.

#### 1.7.2. A obra de Arte

A outra forma de desocultação é a obra de arte, que, utilizando a linguagem poética, instaura um mundo e abre as perspectivas para novos caminhos de ser. É pela Arte que o ser se Poe em obra.

**A manifestação original do ser é dada através da obra de arte, e é através esta que o homem tem acesso a sua particular realidade histórico-cultural. É neste sentido que devemos dizer que a palavra do ser instaura uma abertura (Offenheit) na qual se dá a manifestação do manifestável (v.2, p.300).**

**Através do espaço peculiar criado pela obra de arte advém a descobertura do ser das coisas (v.2, p.302).**

A obra de arte não é uma simples cópia do existente ou uma imitação do já oferecido, mas o que permite que o existente seja possível como realidade revelada.

**A verdade se endereça para a obra e só existe no interior do manifestado pela criação artística (v.2, p.302).**

Na obra de arte pode ser constituído um mundo como conexão inteligível.

**A capacidade demiúrgica da obra de arte manifesta-se eminentemente no fazer poético (v.2, p.303).**

Esta capacidade de instauração de verdade é característica da obra de arte.

**O exteriorizar-se do impulso artístico supõe uma vitória sobre o realmente exterior, pois é o interior<sup>9</sup> que se transforma em exterior (v.1, p.123).**

**O ser suscitado pela arte não é indiferente e aguilhoado da palavra amorfa, mas a possibilidades triunfante total da coisa em sua infinitude original. O que a palavra poética supera realmente é uma outra palavra, a palavra carente e decaída da cotidianidade (v.1, p.124).**

Os artistas e os poetas realizam as descobertas e desocultação do Ser. A veracidade da Arte está em a vermos

**como Encontro e Anunciação, e o poeta como mediador entre os deuses e os homens... (v.2, p.384).**

**Compulsando as obras mestras da Arte, é que nos adentramos pela verdade oculta das épocas, dos períodos históricos do coração humano e da realidade global em que vivemos. Através da obra de arte atingimos uma verdade mais profunda e compacta do que a traduzível no dizer comum (v.2, p.461).**

A Fantasia que existe na obra de arte é uma verdade.

**A fantasia artística é pois uma fantasia exata, uma revelação da verdade ou dos arcanos do mundo (v.2, p.461).**

A arte dá ao homem a possibilidade de intuir o futuro, e ver o após, transcendendo o presente.

### 1.7.3. A Poesia

Em Vicente, a Poesia revela a Verdade do Ser. A Poesia é considerada Mito e, como tal, já traz em si todas as possibilidades de existências, mesmo aquelas que ainda não foram pensadas.

**O mito conforma a consciência e determina todos os seus conteúdos imagináveis (v.2, p.241).**

---

<sup>9</sup> O interior deve ser aqui entendido como o que não está fora. Neste caso, o Ser e o Mito são interiores que se exteriorizam através da obra de arte.

**O pensamento só pode pensar o que foi “aberto” pela palavra desocultante da poesia, poesia esta que é uma enunciação do sagrado e que nasce do encontro com os deuses e no louvor das potências numinosas (v.2, p.167).**

A poesia exerce uma função demiúrgica.

**O dizer poético que constitui o desvelamento do Ente e o acontecimento da verdade que, por outro lado, funda e institui um povo e lhe outorga a sua fisionomia particular, manifesta-se como um traçar (Riss, riscar, traças) que ao mesmo tempo patenteia e oculta. A nova medida instituída pela obra de arte, as novas possibilidades franqueada pela iluminação do ser, nascem sob os escombros de outras formas e possibilidades históricas (v.1, p.267).**

**A poesia é o dizer da descobertura do ente. No dizer poético põe-se em obra a verdade projetante do ser (v.1, p.261).**

A poesia deve ser entendida –diz Vicente- não como exercício fantástico, individual e caprichoso, com jogo verbal, mas como Mitologia. A poesia não é uma simples manifestação do cultural, nem um mero ornamento que acompanha a existência, nem um simples entusiasmo temporário. A poesia é o fundamento que suporta a História (cf.v.2, p.300).

O papel da poesia é

**o de instituir e inaugurar um mundo, descerrando toda uma perspectiva de possibilidades e desenvolvimentos históricos (v.2, p.300).**

#### 1.7.3.1. Poesia-Mito

**A poesia é constitutiva das coisas do universo, a poesia é a desocultação das coisas pela palavra (v.2, p.423).**

Na poesia é que se dá a abertura do ente. A poesia é MITO.

**A mitologia é a abertura de um regime de fascinação, ela não pode ser compreendida, como querem muitos, a modo de qualquer criação imaginativa ex-homo, ou como qualquer projeção psicológica da mente inconsciente da humanidade (v.1, p.318).**

Os conteúdos dos relatos míticos nos remetem às coisas mesmas, Todas as coisas são coisas míticas. Se Deus ou os deuses existem, estão no Mito. O Mito é a

**presença real e efetiva dos deuses e da atuação divina (v.1, p.318).**

A mitologia caracteriza-se

**pela força coercitiva e necessária de suas representações e sentimentos... (v.1, p.245).**

A existência do Mito demonstra que não há relação direta entre o homem e o Ser.

**...o homem não é a chave de compreensão do ser do Sugestor (v.1, p.321).**

O homem compreende o Ser através do Mito. A consciência do Ser é mítica, consciência aberta que recebe as verdades reveladas pelo Ser.

**O mítico e o “aórgico” cobrem o mesmo setor de fenômenos, isto é, o não posto pelo sujeito e o existente como projetado pelo Ser (v.1, p.324).**

A função superior da mitologia é

**“a abertura de um regime de Fascinação” (v.1, p.381).**

Há uma predominância o Mito sobre o Logos, e isto

**implica a precedência da Abertura do Ser sobre a esfera total do inteligível, do cognoscível sobre o conhecer. O Logos nos ata ao já oferecido, o Mito nos transporta para o domínio desvelante primordial. Unicamente superando a hipostasiação do ente humano, na consuetudinária representação de espírito-matéria, podemos vislumbrar uma nova experiência, um novo sentido da imortalidade para os homens (v.1, p.397).**

#### 1.7.3.2. O Poeta

Cabe ao Poeta descobrir as coisas e revelar a sua verdade.

**O poeta é o anunciador da Flor Azul, o revelador da substancia, aquele que deve trazer a terra que é transitoriedade, a imagem sublime de vida absoluta. Fundamentalmente, nada mais somos que puras virtualidades, vagos prenúncios da flor misteriosa (v.1, p.53).**

O poeta é mais coerente com a verdade do ser do que o sábio, pois o

**horror ao incerto e ao indefinido leva o sábio ao deserto das formulas e da exatidão morta (v.1, p.129), enquanto a fantasia do poeta leva-o a encontrar a verdade existencial do nosso ser (v.1, p.129).**

O poeta, na sua singularidade, transcende-se, arrebatado pelo que deve ser dito.



Os poetas de tipo órfico são os únicos capazes de repor a prisão do já dado e condicionado e viver a partir de “modos desconhecidos de ser”.

O poeta não usa a linguagem comum, que considerara o pensamento, exercendo um papel impositivo e que só anuncia o anunciado, o já oferecido, mas uma linguagem criadora, revelante. A linguagem poética é aquela que apresenta a verdade, o conhecimento como existente.

**O poeta nomeia os deuses e nomeia todas as coisas, aquilo que são. Esta nomeação, porém, não consiste em dotar simplesmente de um nome uma coisa que anteriormente já fosse bem conhecida (v.11, p.121-122),**

mas o poeta revela o existente.

**A poesia é a fundação do ser pela palavra (v.1, p.122).**

#### 1.7.3.3. A palavra poética

**O dizer da palavra não é um dizer sobre um ser já constituído, mas a constituição do ser na palavra criadora (v.1, p.121).**

Esta palavra é a palavra poética, o Mito, a linguagem original.

Através da linguagem mítica conscientizamo-nos de nossas próprias possibilidades. A palavra poética supera a outra palavra

**carente e decaída da cotidianidade. (v.1, p.124).**

É só através desta palavra poética que surge uma dimensão transfinita das coisas. Há, no dizer poético, uma abertura projetante para o ser.

**Constituindo o dizer poético uma transgressão do costumeiro e do existente, não se amolda nem se inspira nas insinuações e determinações do existente. Eis porque a obra poética, assim entendida, tem o poder de nos arrebatrar em direção a um novo campo de possibilidades que não estavam inscritas na situação em que ela aparece. A verdade que se inaugura na obra não pode ser deduzida o existente nem ser por ele justificada. O existente é confutado pela obra em sua realidade exclusiva (v.1, p.263).**

A palavra que deve ser compreendida a partir da dimensão livre do ser e não a partir da inventabilidade finita do homem (Cf. v.1, p.263).

A linguagem é algo que decorre do ser, e a existência da linguagem deve Ser capitada na correspondência a do dizer com o pensamento do Ser.

**E só podemos ter acesso pensante ao que somos e a nossa própria inteligência usando os meios discursivos da linguagem que é por sua vez uma exteriorização da inteligência (v.1, p.388).**

Somente por meio da linguagem e da imaginação criadora podemos ver a revelação ou a desocultação da cena móvel, em que o agente humano desempenha o desempenhável. Mediante estes poderes podemos nos comportar e agir.

A palavra deixa de ser instrumento para ser promoção e descobertura do Ente.

**No templo da palavra é que se desenham todos os possíveis comportamento dos homens entre si (...). A linguagem e a palavra de que aqui se trata a são as que ocorrem nas obras de arte, na poesia e no mito (v.2, p.137).**

**A própria linguagem, entendida muitas vezes como um mero veículo do pensamento poético, é em si a primeira obra de arte. A linguagem é poesia e não unicamente um instrumento de comunicação de ideias ou conceitos (v.1, p.279).**

O ente está sempre se desocultando através da Poesia e da Arte. Estas duas atividades, por independermos do individual e arbitrário, revelam as faces ocultas das coisas, descobrem a verdade dom Ente iluminada pelo Ser.

**É ela o ir-além-de-se-mesmo do homem... (v.2, p.386).**

O ser instaura a Verdade no Mito, e o poeta, ente em liberdade e transcendência, consegue chegar até o Mito através da palavra. O Logos é o condicionado pela realidade cotidiana, é uma das forma na qual o Ser se oculta. A sociedade, a ciência, a técnica, como meios acabados de ver o ente, ofuscam outros desvelamentos possíveis.

O desvelamento constitui a essência do ente e, ao mesmo tempo, obscurece a própria descobertura. Em toda descobertura, a um obscurecimento (Cf. v.1, p.258).

A tese do desvelamento do Ser apesar de fundamentada em Heidegger reveste-se de grande originalidade. As contribuições pessoais dadas por Vicente a esta filosofia o Ser, iniciada por Heidegger, serão vistas logo a seguir.

## 2. A FILOSOFIA DO SER

### 2.1. O problema do Ser

Após a exibição do pensamento de Vicente Ferreira da Silva sobre a sua tese A desocultação do Ente, abordaremos alguns aspectos que se destacaram durante o relato que se constituem peças importantes para a compreensão de sua visão de mundo.

#### 2.1.1. Um pensamento metafísico?

Se, por um lado, o desenvolvimento das ciências beneficia a humanidade, revelando certas verdades até então desconhecidas, por outro, causou-nos um grande mal existencial: a nossa prisão ao sensível, ao que pode ser investigado empiricamente. Isto desviou a nossa atenção dos problemas transcendentais.

Os cientificistas negam qualquer possibilidade de conhecimento metafísico. Os empiristas lógicos não encontram sentido nos enunciados metafísicos. Se considerarmos como metafísico a teoria de tudo que existe, o que em filosofia não é metafísica? A filosofia é a procura da verdade; as indagações sobre o Ser revelam esta procura. O sentido do termo Metafísica vem sofrendo várias modificações na História da Filosofia.

**No século XIX a Metafísica converte-se em uma “questão disputada”; aqueles que a negam, como os positivistas, fazem-na: quando afirmam que a realidade são os fatos sensíveis, estão fazendo uma metafísica e, o que é mais grave, sem o saberem; isto é, irresponsavelmente, confundindo uma interpretação com a realidade mesmo. A atitude de Conte justificava-se pelos excessos da especulação idealista no primeiro terço do século, pelo espírito de sistema e pela ideia da filosofia como um pensamento construtivo; o desejo de ater-se a realidade das coisas, sem acrescentar construções mentais, era legítimo; mas não o era igualmente a identificação do real com o dado, e no dado com o que se dá na experiência sensível. No momento em que se adverte o que isto tem de excessivo e apressado, inicia-se uma reação contra o kantismo e positivismo, e com isso “uma volta a metafísica”.<sup>1</sup>**

Vicente fez metafísica no momento em que, procurando escrever o que era realidade mesmo, encontrou o Ser.

#### 2.1.2. O problema do Ser

---

<sup>1</sup> MARIAS, Julian. *Idéia da metafísica*. p. 249.

O homem que filosofa que pensa desperta sempre, em primeiro lugar, para o que lhe é exterior aquilo que o impressiona como coisa (res), por isso, o seu primeiro pensamento é sobre o mundo. Desta maneira, o problema do Ser é tão antigo quanto o homem.

O que é isto que existe? Como existe? Por que existe? Estas interrogações se constituíram nos primeiros problemas filosóficos. Foi com o problema do Ser que surgiu a filosofia, e este tem sido objeto de uma investigação constante por parte de filósofos antigos e contemporâneos.

Parmênides foi o primeiro filósofo, a fazer afirmações sobre o Ser. Para ele, o Ser é tudo e também uno imutável, indivisível e imultiplicável; uma totalidade absoluta. O Ser é absoluto e objetivo, independente de qualquer subjetividade.

Muitos foram os filósofos que analisaram o Ser: Sócrates, Platão, Górgias, etc.com os filósofos gregos surgiram os problemas relativos ao Ser. Estes problemas percorreram toda a História da Filosofia passando pela Idade Média, com Santo Tomas, Duns Scoto, Averroes; pela Idade Moderna, com Descartes, Kant e Hegel, cujas afirmações sobre o Ser foram retomadas na contemporaneidade, principalmente por Heidegger, em sua célebre obra *Ser e Tempo*, e por outros filósofos, como, J.P. Sartre e Gabriel Marcel.

Aqui não nos interessa fazer um histórico do Ser, mas descobrir aspectos de outras filosofias que se assemelhem a filosofia de Vicente. Das teorias sobre o Ser a que dela mais se aproxima e até a fundamenta é a de Heidegger.

O que é Ser para Heidegger?

**O ser é o mais universal dos conceitos. A “universalidade” do ser é “superior” a toda universalidade genérica... O conceito de “ser” é indefinível... O Ser não é suscetível de uma definição que o derive de conceitos mais altos ou o explique por mais baixos... O “ser” é o mais compreensível dos conceitos.<sup>2</sup>**

Só compreenderemos o que é Ser para Heidegger, se observarmos a distinção entre Ser e Ente, a qual ele próprio chama de diferença ontológica. O ente é o que existe real e faticamente, e o Ser é o que se situa além da experiência e além da existência. É

---

<sup>2</sup> Heidegger, Martin. *El ser y El tiempo*.p.11-24

por causa da existência concreta do ente diz Heidegger- que os filósofos se absorvem no seu exame e abandonam a contemplação do Ser.

Vicente se fundamentou em Heidegger, para construir a sua teoria sobre o Ser. Entretanto quando Heidegger interroga mais sobre o Ser que o define (vide Heidegger Ser e Tempo), Vicente responde quem é o Ser, atribuindo-lhe uma tonalidade pulsional e emocional, que compreende a experiência do Ser como fascinação.

**Mas onde Vicente se distancia de Heidegger na sua teoria a de que os projetos históricos são gerados pelo ser como Fascinação para um determinado conjunto de desempenhos, gerados por um Fascinator: neste ponto de sua filosofia, Vicente critica negativamente o famoso ensaio de Heidegger “Das Ding” onde este filósofo atenua sua tese do ser como força projetiva da realidade total. O ser é para Vicente algo fluente, móvel, imprevisível. Pode não ser tal enquanto ser-em-si, mas é tal enquanto fonte de projeção de situações. Ele tinha a sedução do não-fixo, do não-definido, do não-substancial. Para ele, toda a fixação dos seres em gêneros e espécies; toda a rigidez dos conceitos e das formulas resultava desde Platão, da imanência do pensamento da subjetividade, que se fechou sobre si mesmo, que divisou o homem e esqueceu o poder instaurador da Divina Transcendência.<sup>3</sup>**

Atribuir ao Ser a qualidade de Fascinator, sugestor e dispensator coube a Vicente. Enquanto o Ser possui uma característica emocional comunicante que envolve os entes, ele é o Fascinator. Como Projeto que ilumina as possibilidades de instauração, o Sugestor. Quando se deixa conhecer é o Dispensator. O Ser não é incognoscível como muitos o caracterizam na história da filosofia. Vicente acentua esta característica, demonstrando a sua cognoscibilidade por um nível especial da consciência: o mítico.

### 2.1.3. O Nada

Ao falarmos sobre o Ser, temos também de falar sobre o Nada. Que será o Nada? O Não-Ser?

O sentido do Nada como Não-Ser foi dado pelos gregos. Um Nada como ausência a do Ser. Um nada onde Nada poderia vir. Com o cristianismo, surge um novo conceito do Nada, então concebido como aquilo de onde foi a criação. Logo um Nada que não é um vazio, mas algo que pode gerar coisas.

---

<sup>3</sup> ACKER, L.;BARBUY.; CZERNA,R.C.RBF,79: 248

Em Kant, o Nada é objeto do Vazio, sem conceito. O Nada se refere a ausência de qualidades.

Hegel equipara os conceitos de ser e Nada: para que pudesse se pensar o Ser, seria necessário esvaziar-lode qualquer referência; assim, o Ser e o não ser se equivaleriam.

Segundo Heidegger, diante da angústia o homem conhece o Nada:

**A angústia diante de... é sempre angústia por... mas não por isso ou por aquilo. O caráter de indeterminação daquilo diante de e porque nos angustiamos, contudo, não é apenas uma simples falta de determinação, mas a essencial impossibilidade de determinação.**<sup>4</sup>

E ainda:

**O nada se revela na angústia - mas não enquanto ente. Tampouco nos é dado como objeto.**<sup>5</sup>

Vicente, como Hegel, considera o Ser Tudo e Nada. Apenas o Nada, para Vicente, não é vazio de sentido é um ploutos<sup>6</sup>, é um nada como uma não-coisa. É um Nada que se assemelha ao da concepção cristã. O Ser como Nada é absoluto, é um Ser-em-si. O absoluto no ser se presentifica enquanto este é Nada, um Nada pleno de possibilidades. Sendo Fonte de Projeções, o Ser é Tudo como possibilidades, é dinâmico, móvel, imprevisível.

## 2.2 O homem

Outra grande contribuição de Vicente a filosofia contemporânea é o seu conceito de homem. Seu objetivo de se desvincular de qualquer análise antropocêntrica do mundo se faz patente. Transferindo para o Ser todas as potencialidades que o humanismo ocidental atribuiu ao homem, Vicente não considera o homem o centro da história ou do próprio homem.

É desta visão anti-anthropocêntrica que surge o seu novo conceito de homem.

O homem tem se preocupado fundamentalmente com o conhecimento sobre si mesmo. Todas as correntes filosóficas, mesmo as cosmológicas, convergem para a descoberta do ser do próprio homem. Que é o homem? Quem sou eu? Qual a minha

---

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* p.237.

<sup>5</sup> Ibid. p.238

<sup>6</sup> A palavra *ploutos* significa, em grego, cheio, rico, pleno. Em Vicente, significa que o Nada é cheio de possibilidades, traz em si todas as possibilidades.

finalidade? De onde vim, pra onde vou? São perguntas que todo homem faz sobre si mesmo.

**A distinção entre a tendência antropológica e a cosmológica não é, pois, a distinção entre a preocupação e a despreocupação acerca do problema do homem, mas unicamente uma forma diferente de expô-lo nas concepções chamadas cosmológicas, o homem é julgado e investigado em função da totalidade do universo, como uma parte, ainda a maior, desta totalidade; nas antropológicas, em troca, o mundo adquire sentido por causa do homem, e as reflexões centradas sobre as questões que afetam o sentido humano e a salvação da existência, se converte cada vez mais de antropológica em antropocêntrica.<sup>7</sup>**

O homem é analisado sob todos os aspectos: psicológico, biológico, social, antropológico, filosófico, etc.

Foram também os gregos que começaram as indagações sobre o homem. Porém, só na modernidade, o problema do homem passou a ser analisado sob sua própria experiência.

**Nem a metafísica clássica, nem a religião e a teologia medievais estavam preparadas para esta tarefa. Ambos os corpos de doutrina, embora diferentes nos métodos e propósitos, fundam-se num princípio comum. Ambos concebem o universo como uma ordem hierárquica, em que o homem ocupa o supremo lugar. Na filosofia estoica e na teologia crista descrevia-se o homem como o fim do universo. As duas doutrinas estavam convencidas de que existe uma providência geral, que governa o mundo e o destino do homem. Este conceito é uma das pressuposições básicas do pensamento estoico e cristão. Tudo isso é repentinamente posto em dúvida pela nova cosmologia. A pretensão do homem em ser o centro do universo perdeu sua razão de ser.<sup>8</sup>**

Depois de Husserl e Heidegger, as análises sobre o homem se tornaram inumeráveis e diversificadas. Com a fenomenologia, partimos da nossa própria experiência para uma definição de homem.

Hoje sabemos que o homem difere dos animais e das coisas, por não ser um ente já constituído. Ele é um projeto, um deve-ser. O homem está sempre à procura do seu ser.

Não é uma realidade pronta, acabada, ensimesmada, mas uma realidade em movimento, em devir.

---

<sup>7</sup> MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. p. 444-445 (tradução de E.B.).

<sup>8</sup> CASSIERE, E. *Antropologia filosófica*. p.33.

**O homem é sempre mais do que uma coisa, pois é justamente, em sua radicação antológica, a condição transcendental do ser-coisa (v.1, p.233).**

O homem é, essencialmente, atuação, ação. A substância consiste em não ter substancia.

**A substancia insubstancial do homem consiste na pura atuação de suas possibilidades (v.1, p.266).**

Vicente considera o homem, como aquele que oferece oportunidades para o ser se manifestar, o único que pode realizar as sugestões projetadas pelo ser.

Segundo Vicente, não podemos encarar o homem sob a perspectiva do sujeito, porque ele nega essa relação. Assim a nossa maneira de pensar o homem é modificada radicalmente. O homem precisa ser compreendido a

**partir da atividade projetante original que possibilita as diversas representações do mundo (v.1,p.245).**

O homem se diferencia dos outros entes pela sua capacidade de transcendência.

Para melhor compreendermos este novo conceito de homem, temos que examiná-lo sob três perspectivas:

1º o homem em relação ao ser. Neste caos, o homem precisa ser entendido como **algo revelado por um projetar instituidor... (v.2,p.132). ... o homem mesmo amanhece para o seu perfil hominídeo singular, através de um transcender instituidor que lhe outorga e assegura a suas possibilidades mais genuínas(v.2, p.133).**

É o seu relacionar-se com o ser que configura a essência humana.

2º o homem em relação ao Mito. Nesta relação, cabe ao homem descobrir e revelar as verdades que estão no Mito. O homem se relaciona com o Ser através do Mito.

**... O Mito transporta-nos para o domínio desvalente primordial (v.2, p.522).**

3º o homem em relação ao Mundo e ao próprio homem.

O mundo existe para possibilitar que o homem se desvele e assista ao desocultar dos entes provocados pelo ser. Não é o homem que delibera está desocultação, mas o Ser.

É em relação ao outro que o homem se desvela. O meu encontro comigo mesmo, o meu acesso ao meu eu, surge com alteridade. É o outro que me dá sentido é a medida



para que eu possa me compreender e compreender os outros. Só posso chegar á minha verdade através do outro, da abertura do outro. Se eu existisse só, como poderia saber quem sou?

**O homem nada é sem o outro, não só no sentido empírico e no que concerne ao provimento de suas necessidades biológicas e naturais, mas também no que respeita a suas possibilidades subjetivas e espirituais (v.1, p.154).**

Considerando-se a cultura como projetado pelo Mito e a História como realização de sugestões e projeções do ser enquanto Fascinator, o homem se torna finito nas suas possibilidades.

A partir da visão do homem como finitude radical, modifica-se também, em Vicente, o conceito de liberdade.

#### 2.2.1. A liberdade

Ao falarmos em liberdade, relacionamo-la, imediatamente, ao homem, referimo-nos sempre á ação humana. Em Vicente ao falarmos em liberdade, relacionamo-la ao Ser e ao homem.

Ao distinguirmos o homem das coisas, percebemos dois modos de ser: as coisas do mundo material, que não possuem liberdade, e os entes humanos, cuja essência é ser liberdade, no primeiro reina o determinismo; no segundo a liberdade.

Quando falamos em liberdade, excluimos a possibilidade de determinação. O homem é um Ser-racional-em-liberdade.<sup>9</sup> Ser homem significa, então, ser livre e ser racional. Estes dois aspectos pertencem à essência do ser.

Em Vicente, a liberdade precisa ser enfocada sob dois ângulos: um a partir do ser e outro a partir do homem.

A liberdade do Ser é absoluta. Uma liberdade que projeta e instaura o nada. A liberdade humana, contrariamente à do Ser, não atua de maneira absoluta, porque ser homem significa ser animal e estar situado, além de sofrer as determinações míticas.

O que significa liberdade para Vicente?

---

<sup>9</sup> Cf. LUIJPEN, W.A. *Introdução à fenomenologia existencial*. p.187.

A célebre frase de Ortega y Gasset que explica a restrição da liberdade humana pelas circunstâncias (“Eu sou eu e minhas circunstâncias”) vai de encontro ao conceito de Vicente, segundo o qual

**a essência última do homem não consiste em qualquer conteúdo ôntico intramundano, a essência do homem não é ontomórfica. Livre de qualquer compromisso ou adesão ao simples estar-ai das coisas, livre ou transcendente ao seu ser jecto ou derelicto, o homem se afirma, em sua dimensão existencial como sua capacidade de expor-se, de abandonar-se á Parusia do Ser. A liberdade continua a existir a raiz derradeira do homem, mas essa liberdade é primordialmente a liberdade transcendental, i. e., o poder de remontar ao”Entewurfbereich”, de intimizar-se e unificar-se com a liberdade instauradora ou constitutiva do ente (v.2, p.210-211).**

Existe a liberdade absoluta no plano de o ser. O ser tudo como possibilidades. O comportamento do homem

**“move-se e desenvolve-se num aberto, num mundo desvelado, onde não só as coisas, mas simultaneamente, o a gente atuante e as suas “dératches” e disponibilidade de atuação já estão pré-figuradas (v.1, p.390).**

Ser livre significa, para Vicente, deixar que o ser se desvele e cumpra as suas determinações. Esta concepção poderia indicar, á primeira vista, um certo determinismo, uma vez que o acontecer dos homens e do mundo é pré-determinado pelo Mito. Em Vicente, a liberdade pode ser interpretada como livre arbítrio. O homem é, essencialmente, liberdade e, como tal, ele pode escolher o caminho a seguir. O ato de escolha é livre e intencional, é a opção por sugestões oferecidas pelo ser. Cabe ao homem construir o seu eu, o seu futuro, em liberdade de decisão.

O Ser não determina ao homem sua conduta; oferece um número ilimitada de possibilidades para sua escolha.

O homem não liberdade desconstruir o seu tempo histórico cultural, porque ele já existe prefigurado no mito.

Em Vicente observamos duas maneiras de abordar A liberdade: uma que pare do ser- o Ser é pura liberdade- e outra que parte do homem, da livre iniciativa de escolher o seu caminho.

Por isso não podemos dizer que se trata de uma doutrina determinista. O ser não determina a vida do homem, oferece possibilidades. O Mito é o pré-existente, nada acontece que não esteja presente nele, o que não significa determinismo.

**Gozarmos de uma consciência ou de um ser transcendentalmente constituído não suprime o direito de usufruirmos de um estilo de ser. Se nossa realidade é posta por uma origem, e, portanto é algo originado, isso não redundará qualquer redução do espaço de movimento, mas esse próprio espaço e o desembaraço das atuações fazem parte do dispensado pela Origem (v.2, p.506).**

De acordo com Vicente, a liberdade humana

**só pode exercer-se neste campo já dado, neste mundo inaugurado por essa fonte de prodigalidade que põe a disposição um espaço de ações possíveis (v.2, p.336).**

O pensamento de Vicente difere do de Sartre porque, para este, o homem escolhe o seu futuro a partir do nada, isto é, o homem cria as suas possibilidades, constrói estas próprias possibilidades por sua própria conduta, por sua própria ação para Vicente, estas possibilidades são oferecidas pelo ser. O homem não tem liberdade para escolher caminhos que estejam fora do Mito, contudo, o Mito oferece inúmeras possibilidades. O ser projeta vários mitos, logo, cabe ao homem desprender-se da mitologia já instaurada e escolher outros Mitos que oferecem outros mundos. Daí não podemos dizer que é determinista a visão de mundo de Vicente.

#### 2.2.1.1. Liberdade e história

O problema da liberdade nos leva ao caminho da história. É a liberdade humana enquanto realização cultural que instaura o tempo histórico.

O ser do homem é um ser-projeto, isto é, o homem está sempre voltado para o futuro, na busca do ser, do seu dever. Como projeto existencial, ele é livre para construir a sua história.

Em Vicente, os projetos do homem são sugeridos pelo Mito, logo, acima da história humana, está a meta-história.

**Haverá sempre um prius, que antecede e determina a vida e a história dos povos e das culturas. No tempo intemporal e primordial desse prius passam-se os acontecimentos constitutivos de um mundo particular de uma cultura e de um povo.<sup>10</sup>**

Vicente não nega a história humana como forma de temporalização linear, porém, fala de uma história mais ampla, de onde partem as sugestões das atividades criadoras de cultura: a Meta-Historia.

**Devemos abandonar definitivamente a noção antropocêntrica da história que a determina como uma construção da subjetividade finita do homem e como o progressivo encarnar-se de valores postos pelo homem (v.1, p.266).**

A história é o templo de revelação das verdades míticas.

**A história é um processar-se de um mesmo, é o mutável de um imutável, é um movimento da identidade (v.2, p.187).**

Aqui percebemos que, em Vicente, o Mito é um todo, idêntico e imutável. Devemos lembrar que pode haver vários mitos regulando vários mundos.

**...La mythologie doit être considérée comme un Tout et(...) c'est la nature de ce Tout (et non des diverses représentations don't il se compose) qui nous interesse...<sup>11</sup>**

A ação humana está condicionada pelo ser, como diz Vicente:

**... A ação humana, ou ainda, a ação que o homem é, vem a ser uma realidade condicionada, uma ação direta, pois supõe inaugurado previamente o cenário do seu desenrolar-se (v.1, p.266).**

É, pois, o Mito que funda a história, e o homem não têm condições para modificar a sua dotação mítica.

**Toda agitação da história, todo o fazer, criar, construir ou destruir e aniquilar da ação humana dá-se num cenário imóvel, na moldura fixa de um quadro mítico-cultural. É o que poderíamos chamar o a priori do intra-histórico, a interpretação da vida e do homem que persiste e subjaz como uma continua melodia, enquanto sobre ela se desenvolve o arabesco e sonoro do vir a ser (v.2, p.498).**

---

<sup>10</sup> CRIPPA, A. *A sacralidade da cultura*. p.31.

<sup>11</sup> SCHELLING, F.W. Introduction a la philosophie de la mythologie. p.7,t.2. A mitologia deve ser considerada como um todo e é a natureza deste todo (e não as diversas representações de que ele se compõe) que nos interessa. (Tradução de E.B.).

A partir dessas colocações, poderia surgir uma pergunta: se o homem não constrói a história, onde está sua liberdade? Para Vicente, a liberdade do homem histórico consiste em deixar ser o ente, ou não deixa-lo se aquilo que é e tal como é.

### 2.2.2. A Verdade

O conceito de verdade como Alétheia, como desocultação, deve, também, ser considerada uma nova luz sobre o conceito de verdade adotado pela filosofia vigente. A verdade já determinada, estática e permanente é substituída pelo conceito de desvelamento...

**...projeção do escuro para a claridade; esta noção da verdade, como um projetar-se da luz nas sombras, como um desocultar-se, coincide inversamente com o sentido do termo grego Phainomenon, o que aparece, o que vem a luz, numa exata correspondência com o termo fenômeno em alemão, Erscheinung, o que brilha.<sup>12</sup>**

Tradicionalmente, o conceito de verdade se define com a concordância entre o juízo e a realidade. No momento em procuramos saber o que se entende por concordância e realidade, este conceito perde seu sentido.

Segundo o pensamento ocidental, o pensamento se refere a algo que é ou não é, ou seja, a algo já passado, que já aconteceu.

A partir de Heidegger, o conceito de verdade, passou a se desocultação. O verdadeiro é aquilo que se apresenta, se descobre se manifesta.

O juízo a respeito das coisas é verdadeiro como desocultação e falso quando as coisas não se desocultam, senão na aparência.

A verdade vem sendo definida em relação à consciência.

**Ora, esta evidencia produtora de verdade não é, por sua vez, senão a presença, Husserl precisara, a presença em pessoa, em carne e osso, do objeto à consciência e, portanto, correlativamente, da consciência ao objeto. O ponto de surgimento da verdade são, com efeito, esta experiência vivida, esta vida atual da consciência pela qual estes objetos e este mundo estão agora diante de mim sem que eu possa recusar a sua presença.<sup>13</sup>**

De Descartes a Husserl, a verdade é vista a partir da consciência, do Logos.

---

<sup>12</sup> ACKER, L. BARBUY, H. CZERNA, R.C.RBF 79:248.

<sup>13</sup> DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* p.83.

Vicente tenciona romper com o racionalismo e partir de uma verdade que existe independente da consciência humana, uma verdade que existe no ser. Para ele, “o Logos nos ata ao já oferecido” (v.1, p.397).

Vicente não admite uma verdade absoluta, que se mostre, de imediato, inteiramente. O Ser, ao se determinar, oculta as outras possibilidades de determinação, o que significa que há diversas verdades. Estas verdades dependem de cada Mito. A impossibilidade de existência de verdade absoluta não está ligada ao fato de a História condicionar a nossa percepção, mas ao fato de o ente permanecer parcialmente oculto. Nenhum ente vive em verdade absoluto, nem os objetos naturais, que são coisas acabadas e prontas, se mostram totalmente. Vicente não estabelece diferença entre natureza e Cultura; para ele, são ambas as manifestações do ser.

**Para Vicente as culturas não são simples processos sociais, senão que os processos sociais traduzem processos ônticos; cada cultura corresponde a um weltaspekt, a um Weltanschauung, a uma atitude do Ser; e toda cultura é teogonia, é Mitologia, é Religião: sob o fascínio da tese das culturas como seres vivos, de Leo Frobeniuss; da teoria das imagens primordiais de Buckdard; e da problemática do ser em Heidegger, Vicente propõe uma visão da cultura, segundo a qual cada cultura é dada na sua totalidade potencial desde a primeira germinação do seu Mito Originario. As culturas são manifestações do Divino e simultaneamente revelações múltiplas do Ser, Seins Offenbarung, “um universo inteiro de ações, formas e desempenhos possíveis” disse ele.<sup>14</sup>**

Voltando ao problema de não se poder chegar á verdade absoluta, de não existirem verdades imutáveis e eternas, a própria perspectiva fenomenológica confirma este princípio, uma vez que reconhece o problema da historicidade.

Fenomenologicamente, eu só vejo n objeto o que minha situação fenomenológica permite. Segundo Vicente, o poeta pode transcender a sua situação histórica e perceber outros mitos projetados pelo Ser. O homem comum sofre os condicionamentos histórico-culturais, por isso, permanece preso ao fenômeno, ao ente, e não vê a luz que vêm do ser. O poeta, contudo, transcendendo-se a si mesmo, pode ultrapassara a sua história.

Enquanto Nada, uma não-coisa, o Ser traz a Verdade como potencialidades, e não como algo já instaurado e fixo. É aqui que o pensamento de Vicente difere totalmente

---

<sup>14</sup> ACKER.L.;BARBUY,H.;CZERNA,R.C.RBF,70:247

da filosofia platônica. Em Platão, há verdade absoluta, que faz parte do mundo noético. Em Vicente não existe um só mundo, mas várias possibilidades de mundos, logo, não há uma verdade absoluta, mas o ser pode receber várias determinações, de acordo com sua dotação mítica.

### **2.3. O Mundo**

A visão de mundo de Vicente difere da noção dos filósofos existencialistas. Para estes, o mundo são todas as coisas e todos os seres do universo que estão aí, em volta de mim, nas minhas circunstâncias. Estas circunstâncias permitem a realização do meu eu, numa correlação inseparável entre o eu e o mundo, o mundo e eu. O homem e só se realizam quando encontra um mundo de coisas para ocupar-se.

Em Vicente, o mundo é considerado como totalidade das coisas que existem. O mundo é o cenário onde se realizam as sugestões do Ser. O mundo é uma abertura do Ser.

**O mundo transcende qualquer conjunto entitativo: é o revelador e não o revelado do Ente (v.1, p.279).**

O mundo é um horizonte projetivo onde as coisas podem se manifestar.

**O mundo não é o simples conjunto das coisas numeráveis e inumeráveis, conhecidas e desconhecidas. Welt Weltet (o mundo mundifica) e é mais existente que as coisas tangíveis e perceptíveis, entre as quais nos julgamos em segurança (v.2, p.125).**

O Mundo

**não é um ente ou um conjunto de entes, mas a condição de possibilidade de toda manifestação entitativa. O mundo é aquela abertura (offenheit) onde se dá a emergência e a patentização do ente descoberto. Assim, pois o mundo transcende todas as determinações e possibilidades entitativas e se Poe como aquilo a partir do qual se organiza um plexus de coisas de significados (v.2, p.131).**

**...o nosso mundo não é uma das possibilidades mundanas (v.2, p.495).**

### **2.4. O mito**

Outro aspecto, talvez dos mais importantes, que se sobressai na doutrina de Vicente é o Mito.

**Desde que os Mitos são interpretados como a multiplicidade de Deus e desde que Deus é o Promotor de todos os desempenhos possíveis neste mundo, é evidente que, na visão ferreiriana da verdade, a mais importante de todas as filosofias é a Filosofia da Mitologia.<sup>15</sup>**

É interessante ressaltar como o problema do Mito vem despertando a atenção dos cientistas sociais e dos filósofos. Passamos a procurar a verdade não mais na razão, porém, no Mito. Abandonamos a visão racionalista do mundo que, durante quase dois séculos, nos perseguiu e começamos a despertar para o irracional.

Talvez a verdade esteja fora do mundo racional. Vamos então, procura-la no irracionalismo? Este foi o princípio que orientou Vicente na procura do Mito.

**A verdade do mito não é apenas uma verdade das verdades. É inseparavelmente o problema da filosofia o problema da verdade. Livre do absolutismo absorvente da razão e da sua verdade, a filosofia começa a levar a sério a finitude de sua errância constitutiva e sente no estrangeiro a nostalgia da pátria. Já não rejeita o Mito com a auto-suficiência de quem rejeita o que é infantil e pueril. Já não despreza o a-lógico e o não-racional como o bárbaro e primitivo. Aceita o mito como uma nova infância.**

**Como um novo princípio. Diante da riqueza originária da mitologia, a Filosofia se sente como um Filho Pródigo. Tendo separado para si a razão, como sua parte da herança, entregara-se às delícias da racionalidade. E depois de milênios de esbanjamento racional, ela conhece a sua errância e sente haver dilapidado nas definições lógicas a riqueza originária de seu patrimônio.**

**Um filósofo procura na verdade do mito é a verdade da própria filosofia.<sup>16</sup>**

Mircea Eliade pode comprovar que o mito fornece modelos para a conduta humana, ao mesmo tempo em que elucida uma etapa da história do pensamento humano, ajudando-nos a compreender os nossos contemporâneos.<sup>17</sup>

Para Vicente, é no Mito que se configura toda a realidade humana e mundanal.

**Todas as realidades foram constituídas ou postas numa determinada maneira de ser. Nada surgiu por acaso, nada se fez por si mesmo. Assim como o homem foi feito e não se fez, assim foram feitos, em sua realidade e significação, todos os entes. Vieram a ser numa**

---

<sup>15</sup> ACKER, L.; Barbuy, H. Czerna, R.C.RBF, 79:248-249

<sup>16</sup> LEÃO, Emanuel Carneiro. *A Hermanêutica do Mito*. RBF, 72:392-393.

<sup>17</sup> CF. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade e o mito do eterno retorno*.



**determinada verdade a partir de um poder transcendente, no qual o ser é total plenitude, uma vez que sua possibilidade de ser identifica-se com o Ser.<sup>18</sup>**

Como nascem os mitos? Como criação do homem? Para Schelling, os mitos nascem como teogonias.

**C'est La théogonie (...), qui constitui Le noyau, Le principal élément de toute mythologie, et quant au mythes proprement dits, ils naissent Du rattachement d'un événement historique á une divinité.<sup>19</sup>**

Diz ainda schelling:

**As naissance objective, indépendante des opinions, de La pensée et de La volonté humaines, confere á La mythologie um contenu également objectif et, avec lui, une vérité objective.<sup>20</sup>**

O homem não tem poderes para modificar o mito, nem para traçar o sue próprio destino. Segundo Vicente,

**a Mitologia representa um campo de possibilidades que sobrepujam e esmagam as decisões da criatura finita e que se desdobra e vive em majestosa independência e liberdade (v.1, p.324).**

Vicente pode observar e sentir que o mito não é criado pelo homem; independe dele, possuindo uma força coercitiva. O Mito não pode ser entendido como criação do homem ou como projeção psicológica da mente inconsciente da humanidade. A mitologia

**tem que estar adaptada ou adequar-se de antemão como por uma antecipação profética, a situação futuras aos infinitos processos do tempo, isto é, deve ser infinita. Essa infinitude se expressa diante do intelecto, afirmando que nenhuma inteligência é capaz de desenvolvê-la totalmente, que nela existe uma possibilidade infinita de estabelecer sempre novas relações. (v.1, p. 380)**

Vicente considera a Mitologia como Proto-Poesia, isto é, uma poesia do Ser. Citando Schelling, ele admite ser a mitologia.

---

<sup>18</sup> CRIPPA, A. OP. CIT., p.57

<sup>19</sup> SCHELLING, F.W. OP. CIT., P.VII, v.1, é a teogonia, que constitui o núcleo, o principal elemento de toda mitologia, e que quanto aos mitos propriamente ditos, eles nascem da ligação de um elemento histórico a uma divindade. (Tradução de E.B.).

<sup>20</sup> Ibid.,p.263, v.1. Seu nascimento objeto, independente de opiniões, do pensamento e da vontade humanas, confere à mitologia um conteúdo igualmente objetivo e, com ele, uma verdade objetiva. (Tradução de E.B.).

**Uma ação original imaginária que condiciona todos os produtos subsequentes da arte. Através da poesia mitológica entramos em contato com um universo prototípico, com uma vida absolutamente produtiva e original, da qual fluem todas as inspirações de todas as atitudes e sentimentos possíveis (v.1, p.280).**

Conforme Vicente, os conteúdos do relato mítico nos remetem às coisas mesmas. Os mitos realizam as várias possibilidades de verdades projetadas pelo Ser.

Considerar todas as coisas como coisas míticas (cf.v.1, p.318) é ser coerente com a sua própria filosofia. Sendo o mito uma sugestão do ser, o mundo é uma representação do mito. A função iluminante e fascinante pertence ao Mito, que é a presença real e efetiva dos deuses e da atuação divina (cf.v.1, p.318).

O Mito explica o mundo e a história.

**O Mito condiciona a História, abrindo e inaugurando o mundo em que ela pode se desenvolver (v.1, p.284).**

A procura do Mito é a fuga do racional e empírico, é a busca da verdade mesma, desvinculada de qualquer condicionamento.

**As coisas são míticas; o mito é a ação, gesto, acontecimento, primordial; é a maneira viva do vir-a-ser da verdade inaugural das coisas e do mundo.<sup>21</sup>**

## **2.5. A ocultação do Ser**

Como vimos na primeira fase do nosso trabalho, são vários os fatores que provocam a ocultação do Ser. Este tema se constitui em tese fundamentada por M. Heidegger e desenvolvida por Vicente Ferreira da Silva.

Para Heidegger, o Ser, ao determinar o ente, o oculta, porque não o cooca em sua própria luz. O ser instaurado permanece oculto, porque a luz que dele provem desaparece ao ser determinado o ente. Por isso, apenas o ente é imediatamente percebido. E o ser? É incognoscível? Não. Para Heidegger, chegamos ao Ser pela poesia. A poesia é que nos desvela o Ser. Os poetas são aqueles estes que, transcendendo a todos, revelam a verdade poética. Heidegger não fala no mito como instaurador da verdade do Ser. Para ele, há o ser e o homem. Com esta percepção Heidegger vê no poeta aquele que percebe o Ser pelo ente.”é o ser que se deve revelar

---

<sup>21</sup> CRIPPA, A. OP. CIT. p. 26.

sob o ente”.<sup>22</sup> O poeta, ao poetar, revela as faces ocultas desses entes referidos, Heidegger não percebeu que, sendo a poesia criação do homem, a verdade vista através dela poderia ser uma verdade criada pela inteligência humana. Vicente, ao perceber o problema não fala sobre a poesia do humano, mas sobre Proto-poesia como Mitologia. A verdade aí instaurada independe da inteligência humana.

**O poeta é o anunciador da Flor Azul... (v.1, p.53),**

é aquele que tem condições de perceber a verdade que foi instaurada no Mito.

O Ser possui uma luz. Segundo Heidegger, essa luz desaparece no momento em que o ente é determinado. Para Vicente a luz permanece através da fascinação.

O Ser, ao projetar o mundo, fascina-o, deixando no ente e a presença da Fascinação. O ente revelado e um ente fascinado, a ponto de representar o próprio Ser. A presença da Fascinação no Ser é o que o possibilita a sua desocultação. O ente revelado é o ser fascinado.

**...a substituição da interpretação heideggeriana do ser pelo fascinator- a fonte fascinadora donde brota a realidade, que pode ser entendida como encantamento magico-é ao mesmo tempo uma adesão ao filósofo alemão e a sua inserção em solo estranho, ou pelo menos diferente do seu.<sup>23</sup>**

#### 2.5.1. Formas de ocultação

O ente vive ocultado, porque o homem sofre uma serie de condicionamentos muito forte que o impede de ver o Ser do ente.

As circunstancias histórico-sociais condicionam a liberdade do homem e, conseqüentemente, a sua visão de mundo. Uma das formas de ocultação é a inteligência humana nada cria, apenas constata o já oferecido.

**O peculiar da inteligência é formar noções que representem tão exaustivamente quanto se queira a constelação do existente; pela sua própria natureza, a inteligência está voltada para o passado (v.1, p.31).**

A condicionalidade do pensamento por fatores de ordem material é um dos grandes obstáculos ao desvelamento do Ser. A inteligência é limitada pelo já criado, pelo já-dado. Isto a impossibilita de ver algo novo e diferente. A inteligência é um dos fatores da obnubilação do Ser.

---

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin. *Essência do fundamento*. p. 287.

<sup>23</sup> 23VARGAS, Milton. O jovem Vicente Ferreira da Silva. *Convivium*: 197.

A ciência, ou outra forma de explicação do mundo, com suas verdades preestabelecidas, verdades racionais, obscurece a verdade dos entes.

Os hábitos sociais, que fazem o homem esquecer o seu ser, transformando-o em um ente imóvel, mecânico, sem projeto, são, também, uma forma de ocultação do Ser. --

**Uma vida habituada é uma vida que não mais se esforça, não mais cria, uma vida que perdeu toda audácia, liberdade e originalidade, processando-se como uma repetição mecânica das mesmas coisas (v.1, p.33)**

Para Vicente o homem precisa transcender as suas próprias possibilidades. Só assim ele pode despertar para as coisas que o rodeiam. O homem precisa se desvincular dos preconceitos adquiridos e se entregar ao desvelamento do ser.

**Quando o homem libertar-se do ideograma científico-constructivo, o mundo tornar-se-á outra vez infinito. Como infinita será de novo, para nós, a antiquíssima Noite, não como simples privação da luz, mas como um emblema de uma positividade germinante e ilimitada. O primordial é sempre o noturno, o desconhecido (v.2, p.507).**

## **2.6. A Desocultação do Ente**

O homem é liberdade. O homem, como o ser que vive no possível, tem condição de se desvincular de seus condicionamentos e transcende-los, partindo para a verdade do Ser, o seu desvelamento, a sua Alétheia.

Como formas de desocultação, temos, ainda, aqueles procedimentos que não partem do homem comum, mas do poeta enquanto revelador das verdades. Também a obra de arte, principalmente a poesia, é forma de desocultação.

A possibilidade de o Ser se manifestar em desvelamento é provocada pela Alétheia. A Alétheia é a primeira condição de desvelamento do Ser, que, por sua vez, possibilita o grau de revelação do ente.

### **2.6.1. A Obra de Arte**

O mundo da arte tem sido preocupação fundamental dos teóricos da Arte. Qual a significação da Arte? Qual a sua finalidade?

O problema da verdade na Arte tem sido abordado de maneira diferente da abordagem do mundo objetivo. O mundo artístico tem sido examinado sob outro

ângulo. Neste mundo, está presente em liberdade absoluta. A sua realidade fantástica tem conseguido chamar a atenção do homem para problemas mais profundos da existência. É na Arte que temos encontrado a nossa verdadeira realidade.

**O mundo da arte, encerrando momentos de eternidade, seria muito mais “verdadeiro” e “real” que a frívola farsa da vida; ao seu contexto dissipar-se-iam em sonho as precárias agitações de existência banal. Jogo vão, entretenimento ilusório seriam os próprios episódios do viver cotidiano, dança fugaz de desejos e satisfações efêmeras, contrastando com a terrível majestade da mensagem estética (v.1, p.69).**

As correntes da arte contemporânea a consideram como fabricadora de existências.

**...as artes são, entre as atividades humanas, aquelas que são expressamente e intencionalmente, fabricantes de coisas, ou mais, geralmente de seres singulares, cuja existência é o seu fim.<sup>24</sup>**

Vicente também vê a arte sob uma nova perspectiva, vê a obra de arte como mitologia: citando Heidegger, afirma que

**a obra artística é em essência, o projeto instituidor de um mundo. É através dela que um povo recebe os paradigmas, medidas e valores que determinarão a sua história, oferecendo-lhe os modelos do valioso e significativo. O próprio homem é instituído através de possibilidades emanantes do verbo poético (v.2, p.385).**

A veracidade da arte está em ver-se

**a arte como Encontro e anúncio, e o poeta como anunciador entre os deuses e os homens... (v.2, p.384).**

A obra de arte possibilita ao poeta encontrar a verdade e anunciá-la.

**Através da obra de arte atingimos uma verdade mais profunda e compacta que a traduzível no dizer do senso comum (v.2, p.461).**

O homem pode chegar a ter uma auto-intuição mais profunda do seu destino através da obra de arte.

A obra de arte como manifestação do mito traz em si a verdade, que não pode ser traduzida para a linguagem comum e condicionante. A poesia tem uma função

---

<sup>24</sup> PICON, A., Org. *Panorama das idéias contemporâneas*. p.331.

demiúrgica, pois instaura a verdade e as coisas. A poesia, entendida como mitologia, pode ser considerada uma

**tradução histórico-humana de um processo que a transcende e determina...**

**Esta poesia independente e superior da vida dos deuses e dos princípios hierárquicos é um processo que antecede e condiciona as formas humanas de Ser (v.1, p.248)**

Cabe ao poeta a desocultação das coisas e a revelação da sua verdade. Os poetas são os únicos capazes de romper a prisão dos condicionamentos e viver em

**modos desconhecidos de ser (v.2, p.496)**

Com a sua teoria sobre a Arte, Vicente põe em dúvida outras teorias: Arte como “reflexão do mundo sensível”, Arte como “reflexão do mundo psicológico”. Os conteúdos da obra de arte se referem a mundos ainda não instaurados, mas que existem possibilidades. Quantas possibilidades de vida nós encontramos no universo artístico!

Não serão os poetas, aqueles entes sensíveis, situados no mundo mitológico, verdadeiramente os intermediários entre o Ser e o homem?

## **2.7. Vicente Ferreira da Silva – Um filósofo existencialista?**

Ao procurarmos análise do pensamento de Vicente Ferreira da Silva nas obras que tratam da filosofia no Brasil, constatamos que muito pouco se disse sobre ele.

Em quase todas as fontes investigadas, encontramos Vicente considerado como um filósofo existencialista, sem mais qualquer considerações esclarecedoras. Vicente Ferreira da Silva é um filósofo que precisa ser investigado e divulgado. As suas obras completas são fontes de inesgotável de pesquisa, com grandes contribuições para o pensamento filosófico brasileiro.

Não sabemos se Vicente fez escola; só o tempo irá mostrar. Temos, porém, conhecimento de uma tese do pensador brasileiro Adolpho Crippa, *A Sacralidade da cultura*, cujo tema é fundamentado nas ideias de Vicente. Há, também, um artigo publicado na *Revista Brasileira De Filosofia*, intitulado *Hermenêutica de Mito*,<sup>25</sup> de Emanuel Carneiro Leão, no qual a influência de Vicente Ferreira da Silva se faz marcante.

---

<sup>25</sup> LEÃO, Emanuel Carneiro. art. cit..

Em que corrente filosófica poderíamos inserir a filosofia de Vicente4 Ferreira da Silva? Se discutível considerar M. Heidegger como existencialista, mais ainda o é considerar Vicente como filósofo desta corrente.

Analisando as obras de Heidegger, verificamos uma notável descrição fenomenológica da existência humana. É exatamente este o motivo porque a maioria dos autores o coloca no rol dos existencialistas.

Se reconhecermos ter sido a preocupação primeira da filosofia de Heidegger o problema do Ser na qual a existência é analisada como fato r de aproximação entre o homem e o Ser, não poderemos considerá-lo como tal. O objetivo de Heidegger é combater o conceito tradicional de metafísica e propor uma nova concepção da ontologia.

**O filósofo convenceu-se de que a teo-ontologia de seu tempo, toda a história da ontologia não passara de uma teologia e que, os neokantianos, criaram numa teoria do conhecimento. A metafísica era esta história da ontologia como onto-teo-logia. Heidegger propôs uma ontologia fundamental que, através de uma analítica existencial, preparasse um modo de colocar a questão do Ser.<sup>26</sup>**

Fundamentando-se nesta perspectiva, Jean Wahl, ao falar sobre o existencialismo, diz por que não considera Heidegger um filósofo da existência

**Quant à lui, il pense que Le problème philosophique essentiel ET même Le problème philosophique unique, c'est Le problème de l'être, et s'il s'est occupé, dans Sein und Zeit de l'existence, c'est parce qu'il pense que c'est en passant par notre existence que nous pouvons avoir accès à l'être. Mais c'est l'être qui est l'objet essentiel Du philosophe, et il veut être non pas un philosophe de l'existence, mais un philosophe de l'être.<sup>27</sup>**

A mesma opinião emite Derrida, ao falar na ontologia fenomenológica Heidegger. Derrida não considera a filosofia heideggeriana uma doutrina humanista, por se tratar de um pensamento sobre o Ser.

---

<sup>26</sup> STEIN, Ernildo, trad. In: CIVITA, Victor, ed. Martin Heidegger – Conferências e escritos filosóficos. Os pensadores. V.45, p.201. Nota do tradutor.

<sup>27</sup> WAHL, Jean. Les Philosophies de l'existence. p. 7-8. Quanto a ele, pensa que o problema filosófico essencial, e mesmo o problema filosófico único, é o problema do ser, e se ele se ocupou no ser e tempo, da existência, é porque pensa que é existindo que nos podemos ter acesso ao ser. mas é ser que é o objeto essencial do filósofo, e ele pode ser não um filósofo da existência, mas um filósofo do ser. (tradução de E.B.).

Enquanto humanismo ele só pode se juntar ao vários outros humanismos, para os quais a ideia do homem só se tornou central porque eles se fundaram sobre uma metafísica esquecida da questão do ser. Nessas condições, poderá o pensamento do ser caracterizar-se como humanismo? Certamente não, na medida em que o humanismo pensa de um ponto de vista metafísico. Certamente não, se o humanismo é um existencialismo e faz sua esta proposição de Sartre: Precisamente, estamos num plano onde há somente homens. Se pensarmos a partir de Sein und Zeit, cumpriria antes dizer: “precisamente estamos num plano onde há precisamente o ser”. Não convém, pois, deixar-se iludir pelos temas existenciais que Heidegger desenvolve notadamente em sua primeira grande obra o Ser e o tempo, mesmo se esses temas puderam inspirar Sartre e na elaboração de ontologia. Desde o início, a questão de Heidegger não é outra senão a “questão do Ser” e, se o ser do homem é nele descrito e analisado, é somente porque no homem se situa o lugar, o “aí” (Da) onde o Ser se desvela. (grifo nosso)<sup>28</sup>

O problema fundamental do pensamento de Vicente, como de Heidegger, não é o da existência, mas o do Ser. NA sua obra os temas existencialistas não chegam a formar um sistema os eu pensamento, enquanto existencialista, não possui autossuficiência a ponto de constituir uma visão de mundo original.

Vicente é um filósofo do ser e, quando trata de temas sobre o homem, é para mostrar o seu relacionamento e a sua dependência com o ser. Em um comentário sobre Sartre, ele afirma que o filósofo, em

**lugar de integrar e fundamentar o homem no ser, procurou ao contrario resumir o ser na realidade humana! (v.2, p.371).**

Isto comprova, mais uma vez, que seu pensamento é uma preocupação com o Ser. Vicente chega mesmo a declarar que

**o pensamento filosófico desse ser é a tarefa ingente da filosofia atual (v.2, p.336).**

Afirmar que Vicente é um filósofo do ser não exclui que ele tenha tratado também de temas existencialistas. O que podemos declarar, fundamentando-nos em sua obra é que a sua preocupação principal foi fazer uma Filosofia do Ser.

A discussão sobre Vicente fica em aberto. Inúmeros aspectos que não puderam, aqui, ser explorados devem ser objeto de posteriores investigações. Não pretendemos, nesta tese -e nem poderíamos pretender-, abordar todos eles exaustivamente. O que

---

<sup>28</sup> DARTIGUES, A. op. cit., p.121



procuramos demonstrar a respeito de Vicente Ferreira da Silva foram as suas ideias sobre a ocultação e desocultação do Ser, evitando o equívoco, até hoje cometido, de considerá-lo um filósofo existencialista.

Os conceitos de Liberdade, de História e de Mito, presentes na sua obra filosófica, merecem ser objeto de outros trabalhos. Encontramos em Vicente um filósofo de ideias próprias e originais, que necessariamente irão marcar uma etapa da história do pensamento filosófico desta Nação.

### 3. CONCLUSÕES

Após tudo que foi exposto podemos concluir que a visão de mundo de Vicente Ferreira da Silva se constitui numa Filosofia do Ser.

O seu pensamento nos remete às seguintes conclusões:

3.1. O Ser é o fundamento das coisas. O ser é uma iluminação projetiva transcendente. É o Fascinator, o Sugestor, o Dispensator, o projeto instituidor das coisas. O ser é quem possibilita e determina tudo. O Ser é tudo como possibilidades e Nada como uma não-coisa.

3.2. O Ser como Nada é Absoluto, é um em si, pensando como uma não-coisa, como um ploutos de onde podem surgir todas as possibilidades e determinações.

3.3. Há uma nova concepção de homem. Um homem que não é mais o centro os acontecimentos, mas aqueles que realizam as Sugestões de um Poder Fascinante e Iluminador. Um homem que é liberdade. Um homem que opta das possibilidades que lhe são oferecidas pelo sugestor.

3.4. Existe, também, uma nova noção de Liberdade ligada ao conceito de Verdade, de Alétheia. Liberdade que o Ser possui de poder ocultar-se desocultar-se. A Liberdade do homem que consiste no “abandonar-se ekstático ao desvelamento do Ser”.<sup>1</sup>

3.5. O conceito de verdade é algo sempre atual e possível. Verdade é o desocultar-se do ente, é o desvelar-se do Ser. O ente está sempre a revelar partes que estão ocultas e a ocultar outras, provocadas por este mesmo desvelamento. Em toda desocultação, há uma ocultação.

3.6.a existência de um mundo é resultado d um projeto de possibilidades. O mundo é considerado como condição de possibilidade de toda manifestação entitativa, como um cenário no qual as coisas ocorrem.

3.7. A compreensão da história humana ocorre em relação ao Mito. Na história humana, não há o novo, que este sempre condicionado por algo do passado, que permite que o fato se dê. O homem não determina a sua história, mas é lançado nela por uma

---

<sup>1</sup> Este seria um tema sugerido para outro trabalho: o conceito de liberdade de Vicente em relação ao conceito dos filósofos existencialistas. Em Vicente, encontramos um conceito de liberdade mais amplo, ao qual o homem estaria adstrito.

“destinação” do Ser. O Mito orienta a história. Os caminhos históricos estão presentes no Mito. Todas as possibilidades de atuação histórica do homem estão consignadas a Matriz, que, através da Fascinação, estabelece o que é desempenhável.

3.8. Existe o mito como mediação entre o ser e o homem. Todas as coisas são míticas. O homem conhece o Mito através de um nível especial da consciência que antecede a todos os outros. O Mito conforma a consciência e determina todos nos seus conteúdos imagináveis. A mitologia é poesia em si por si, por isso é Proto-poesia. O Mito desoculta o ente.<sup>2</sup>

3.9. A ocultação do ser é o tema principal desta filosofia. O Ser vive oculto pelos entes. Esta ocultação é provocada pelas visões preestabelecidas do real, pelas visões construtivistas do Universo. O Ser já determinado é uma negação, negação que oculta as outras possibilidades que não foram determinadas. A visão do ente esconde a visão do Ser, que é a da verdade, a do desvelamento.

Os homens, preocupados com o ente, esquecem-se de ver o ser por ele oculto. A própria inteligência humana, por permanecer presa ao real, fica impossibilitada de ver a verdade. O nosso pensamento é condicionado pelo pensável, e isto ofusca a nossa possibilidade de permanecer do ainda não instaurado, mas presente no Mito.

3.10. A desocultação do ser se dá pela Abertura, pela Iluminação. O Mito é uma forma de desvelamento da verdade do Ser. Existem outras formas de o Ser desocultar-se. Uma delas é através da Arte e da Poesia.

3.11. A Poesia e a Arte são essências da Verdade e da liberdade. É através da forma poética que a verdade do Ser aparece. A Poesia é o dizer da descobertura do ente, é o mostrar desocultante das coisas. É através da poesia que o homem chega à verdade do ser.

3.12. Sendo a poesia a verdade mesma, cabe ao poeta desocultar o ente. Os poetas são os únicos capazes de romper a prisão do já dado e viver a partir de “modos desconhecidos de ser”.

---

<sup>2</sup> Este tema será investigado posteriormente. A comparação entre a teoria do mito de Vicente e a teoria dos mitos da antropologia social se faz necessária. Até que ponto as teorias sobre o mito concordam ou não com as de Vicente? Investigaremos e tentaremos comprovar se e como a consciência humana é uma consciência mítica. Investigaremos de que maneira os mitos se manifestam como ritos. Há um trabalho de Adolpho Crippa (a Sacralidade da cultura, São Paulo, Ed. Convívio, 1973) que deverá ser consultado por que se interessar pelo tema, pois apresenta uma abordagem singular sobre o Mito, com boa fundamentação e uma rica bibliografia.

3.13. A linguagem poética não é a linguagem comum, que usamos para nos expressar e comunicar, porém, uma linguagem criadora e revelante.

3.14. A palavra poética supera a palavra do cotidiano. A palavra cotidiana m é uma forma de alienação, a poética é uma abertura.

\*\*\*

Fundamentando-nos nestas conclusões, encontramos uma visão estética da realidade. É através da Arte que o Ser se desvela. A obra de arte reflete a verdade e a liberdade presentes no Ser. A arte é a própria condição de transcendência do homem. É através dela que ele se liberta e pode sair à procura da verdade mesma.

Vicente Ferreira da silva observou o pensamento heideggeriano e o ampliou, esclarecendo as suas partes obscuras como se fosse o próprio Heidegger, pois assimilou as suas verdades e completou-as, dando prosseguimento à sua filosofia. Pelos motivos apresentados, podemos afirmar que Vicente marcou uma fase na filosofia brasileira, porque fez a verdadeira filosofia, a que se apresenta diante de nós, aquela que é realidade mesma, a que parte de nossa vivência de nossa instituição de mundo.

Segundo Julian Marias, Vicente

**estava rodeado de mitos, vivos, ativos, entrelaçados com a religião cristã, com a política, com toda a possível interpretação racional da realidade que fosse concreta, e, portanto, verdadeira.<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> MARIAS, Julian. art.cit. Convivium :187.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ACERBONI, Lidia. A filosofia contemporânea no Brasil. São Paulo, Ed. Grijalbo, 1969.215p.
- ACKER, Leonardo van; BARBUY, Heraldo; CZERNA, Renato Cirell - conferindo a Vicente Ferreira da Silva o prêmio Moinho Santista de Filosofia. rev. bras. Fil. São Paulo, 20\_(79):243-249, jul./set.1970.
- ALMEIDA, Vieira de. Introdução à Filosofia.2.ed.coimbra, Arménio Amado, 1961. 203p.
- ASTI VERA, armando. Metodologia da pesquisa científica. Porto alegre, globo, 1973.223p.
- BAGOLINI, Luigi. Consciencia humana e mistério. Convivium. São Paulo, 16(3), 252-258, mai/jun.1972.número especial
- BARBUY, Heraldo. Subjetividade e interioridade. Convivium. São Paulo, 16(3) 205-214, mi/jun. 1072, número especial. Bissieres, Renê. La Busquéta de La verdad. Madrid, Labor, 1968.173p.
- BÓ, Efraim Tomás. O portador de segredos. Convivium. São Paulo, 16(3)215-225, mai/jun. 1972, número especial
- BOCHENSKY, I. M. La filosofia contemporanea ocidental.2.ed. México, Fondo de cultura econômica, 1951. 300 p.
- CAMPOS, Astério. Que há com a filosofia no Brasil? Ver. Brás. fil. São Paulo, 22\_(85):42-54, jan./mar.1972.
- CANBRAVA, Euryalo. A estrutura metalinguística da lógica. Convivium. São Paulo, 16 (3) 314-325, mi/jun. número especial.
- CARVALHO, Joaquim de Montezuma. Vicente Ferreira da Silva. Filósofo da liberdade. Convivium. São Paulo, 16(3), 304-313, mai/jun. 1972. Número especial
- CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 1972.378 p.
- CAUDWELL, c. o conceito de liberdade. Rio de janeiro, Zahar, 1968, 255 p.
- CENCILLO, Luis. Mito ; semântica e realidade. Madrid, Ed. Católica, 1970.463p.
- CERVO, A. L. e BERVIAN, P.A. metodologia científica. São Paulo, mc Graw-hill do Brasil, 1973. 158 p.
- CHEVALIER, J. história Del pensamento. Madrid, Aguilar, 1963.v.3,p.596-644
- COELHO, José Fransisco. A desmitização. Convivium. São Paulo, 16 (3):272-290, mai/jun.1972.323p.
- COLLINGWOOD, R.G. Idea de La historia. 3. Ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1972.323p.
- CONVIVIVUM. O pensamento de Vicente Ferreira da Silva. São Paulo, 1972, 325 p. (número especial)v.16, n°3.

- CORVEZ, Maurice. La filosofía de Heidegger. México, Fondo de cultura Económica, 1970.136p.
- Costa, Carlos. Considerações em torno da ontologia social. Salvador, Faculdade de filosofia e ciências humanas, Departamento de Sociologia, UFBA.1972. Tese.117 p.
- Crippa, Adolpho. A sacralidade da cultura. São Paulo. Ed. Convívio, 1973.241 p.
- \_\_\_\_\_. Origem e natureza da cultura. Convivium, são Paulo, 16\_(3):226-245, mai/jun.1972. Número especial.
- CZERNA, Renato Cirell. Panorama filosófico brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA, 1º, são Paulo, 1950. Anais...são Paulo, Instituto brasileiro de filosofia/: USP, 1950.v.1, p.233-259.
- \_\_\_\_\_. Verdade historicidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA/ USP,1950. Anais...são Paulo, instituto brasileiro de filosofia/ USP, 1950.v.1, p.315-328.
- DARTIGUES, André. O que é fenomenologia? Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1973.160 p.
- DILTHEY, w. Introducion a las ciências Del espíritu. 2.ed.Madrid, revista de ocidente, 1966.584p.
- DRAY, William h. Filosofia da história. Rio de janeiro, Zahar, 1969.158p
- ELIADE, Mircea. El mito Del retorno eterno. Madrid, Ailanza/ Emecé, 1972.174p.
- \_\_\_\_\_. Mito e realidade. São Paulo, perspectiva, 1972. 183 p.
- FLUSSER, Vilém. Da responsabilidade do intelectual. Convivium, São Paulo, 16(3)297-303, mai/jun.1972. Número Especial.
- \_\_\_\_\_. Há filosofia no Brasil? rev. Brás. Fil., São Paulo, 17(65):3-9, 1967.
- FOLQUIÉ, Paul. Diccionario Del lenguaje filosófico. Madrid, Labor, 1967.
- \_\_\_\_\_. O existencialismo. 2. Ed. São Paulo, difusão Européia do livro, 1966.
- FRANCA, S.J. Leonel. A filosofia no Brasil. In:-. Noções de história da filosofia. 18ª.ed. Rio de Janeiro, Agir, 1965.p.261-342.
- GAOS, José. Del Hombre. México, Fondo de Cultura Económica, 1970.587 p.
- introducción a El ser e El tiempo. 2. Ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1971.150
- GARAUDY, Roger. Perspectivas do home. Rio de Janeiro, civilização Brasileira,1965.
- GRASSI, Ernesto. Recordação e metáfora. Convivium. São Paulo, 16\_(3) 202-204, mai/jun.1972. Número especial.
- GURSDOF, Georges. Mito e metafísica. Buenos Aires, Ed. Nova, 1960. 287 p.
- HARTMANN, Nicolai. la nueva ontologia. Buenos Aires, Sudamericana,1954.
- \_\_\_\_\_. Ontologia e fundamentos. México, Fondo de Cultura Económica. 1954. 382 p.
- HEGEL, G. W. F. textos didáticos. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.265 p.
- \_\_\_\_\_. La razón en La historia. Madrid, Seminarios y Ediciones, 1970. 96 p.

- \_\_\_\_\_. Da experiência do pensar. Porto Alegre, globo, 1969. 54 p.
- \_\_\_\_\_. El Ser y El tiempo. Trad. De José Gaos. 5. Ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1974. 478 p.
- \_\_\_\_\_. Essais et conférences. Paris, Gallimard, 1954.349p.
- \_\_\_\_\_. O fim da filosofia ou a questão do pensamento. São Paulo, Duas cidades, 1972, 111 p.
- \_\_\_\_\_. Que é isto a Filosofia? Identidade e diferença. São Paulo, Duas cidades, 1971, 104 p.
- \_\_\_\_\_. Que é metafísica? São Paulo, Abril Cultural, 1973. P.233-242.(os Pensadores,45).
- \_\_\_\_\_. Sobre a essência do fundamento. São Paulo, Abril Cultural, 1973. 347-373 p.(os pensadores,45).
- \_\_\_\_\_. Sobre o humanismo. São Paulo, Abril Cultural, 1973. 347-373 p.(os Pensadores, 45).Sobre o problema do ser. O caminho do campo. São Paulo, Duas Cidades, 1969.72 p.
- HEIMSOETH, heinz. La Metafísica modern. Trad. De José Gaos.  
2. Ed.,Madrid, Revista de Occidente, 1966.372 p.
- HIRSCHBERGER, J. História da filosofia na Antiguidade. 2. Ed., São Paulo, herder, 1965.327 p.
- HULDERLIN, Frederico. El Archipiélago. 2. Ed., Madrid, Revista de Occidente, 1970. 101 p.
- \_\_\_\_\_. Himnos tardíos. Otros poemas. Buenos Aires, sudamericana, 1972. 205 p.
- JAGUARIBE, Hélio. Ideias para a filosofia no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA/USP, 1950. V.1,p.159-169.
- KANT, Emmanuel. Crítica de La razón práctica. Crítica Del juicio. Fundamentación de La metafísica de los costumbres. Trad. Direto do alemão por Manuel Garcia Morente. Buenos Aires, El Ateneo, 1950. 711 p.
- KILGORE, William J. Os Empiristas lógicos e a metafísica. Ver. Bras. Fil., São Paulo, 18(70):131-144,1968.
- KLINKE, F e Colomer, E. Historia de La Filosofía. 3. Ed. Madrid, Labor, 1961.o signo de Dionisos. Convivium, São Paulo, 16 (3):259-271, mai/jun.,1972. Número especial.
- \_\_\_\_\_. Lasso de La Veja, Javier. Manual de documentación. Madrid, Labor, 1969.829
- LAVELLE, Louis. Introducción a La ontología. Trad. De José Gaos, 2. Ed.México. Fondo de Cultura económica, 1966.135 p.
- LEÃO, Emanuel Carneiro. A hermenêutica do mito. Ver.bras.fil.,são Paulo,18 (72):391-405, out/dez 1968.
- LUIJPEN, W.A.M. introdução á fenomenologia existencial.sao Paulo, ed. Da universidade de São Paulo, ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.400p.

- MAC DOWELL, J.A. a gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger. São Paulo, Heder/ USP, 1970.240 p.
- MACHADO, Geraldo Pinheiro. A filosofia no Brasil. In: Niescherger, Johannes. História da filosofia contemporânea. São Paulo. Heder, 1963.p.225-226, 307.
- MARCEL, Gabriel. El misterio Del ser. Barcelona. Sudamericana, 1964. 398 p,
- MARIAS, Julian. Antropologia metafísica. Madrid, Revista de Occidente, 1973. 284 p.  
 \_\_\_\_\_. Uma vocação filosófica. Convivium, São Paulo, 16\_ (3) 183-188, 1972.  
 Número Especial
- MERLEAU PONTY, M. fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971. 465p,
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Teoria do conhecimento e a verdade do Ser. rev. Bras. Fil. São Paulo, 24(93);59-61, jan/mar.1974
- MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. 3. Ed. Buenos Aires, Sudamericana,1951.  
 \_\_\_\_\_. El Ser y El sentido. Madrid. Revista de Occidente, 1967.323.p.
- NIETZSCHE, F. assim falou Zaratustra. São Paulo, Abril Cultural, 1974.p.233-273. (os pensadores,32).  
 \_\_\_\_\_. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo, abril Cultural, (os pensadores, 32),  
 \_\_\_\_\_. Ecce homo. São Paulo, Abril Cultural, 1974. P.371-375. (Os pensadores,32).  
 \_\_\_\_\_. O Anticristo. São Paulo, Abril Cultural, 1974.p.353-369. (Os pensadores, 32)
- ORTEGA y GASSET, J. El hombre y La gente.7.ed.Madrid, revista de occidente, 1972.2v.
- PACHECO, Armando Correia. Algumas considerações sobre o pensamento filosófico no Brasil. Ver. Bra. fil., São Paulo, 17\_ (650:45-52, jan/mar.1967
- PADOVANI, Humberto y Castagnola, Luis. O pensamento filosófico no Brasil.in:--- história da filosofia. 3. Ed. São Paulo, Melhoramentos,1958. P.467-506.
- PAIM, Antonio. História das ideias filosóficas no Brasil.2. Ed. São Paulo, Grijalbo/USP, 1974.431 p..org. revista brasileira de filosofia;histórico e índice.2951/1973. São Paulo,25(95):205-376, 1974.
- PICON, A., org.-panorama das ideias contemporâneas. Lisboa, Gallimard, 1958.649.p.
- PIZA, divina Ribeiro de Toledo. Um novo conceito do homem. Convivium, São Paulo, 16(3):291-296, mai/jun.1972. Número Especial.
- QUILES, I., org.- Dicionário filosófico. Buenos Aires, Espassa- Calpe,1952.
- RAEYMAEKER,Luis de.filosofia do ser. São Paulo, Heder, 1967.358 p.
- REALE, Miguel. Filosofia alemã no Brasil. Ver. Brás. Fli. , São Paulo, 24(93):3-18, jan/mar 1974.



- \_\_\_\_\_. Perspectivas da filosofia no Brasil. Ver. Bras.fil., São Paulo,22(85):3-16, jan.mar.1972.
- ROUBICZEK, Paul. El Existencialismo.2. Ed, Barcelona, Labor, 1968.175 p.
- SARTRE, Jean Paul. El Ser y la nada. 3. Ed. Buenos Aires, Losada, 1972.776 p.
- \_\_\_\_\_. O existencialismo é um humanismo. São Paulo, abril Cultural, 1973, p.7-38. (Os pensadores,45).
- SALDANHA, Nelson noqueira e Flusser, Vilém. - Há filosofia no Brasil? Diálogo de Nelson Nogueira Saldanha e Vilém Flusser. Ver.bras.fil., São Paulo,17\_(67):300-304,jul/set.1967.
- SCHELLING, Friedrich Von. Bruno ou do princípio divino e natural das coisas. São Paulo, Abril Cultural, 1974.p.231-314. (Os pensadores,26).
- \_\_\_\_\_. Introduction a la philosophie de La mythologie. Paris, Mouton, 1945. 2v.
- SILVA, Agostinho da- Vicente: filosofia e vida. Convivium, São Paulo, 16(3):246-251, mai/jun.1972. Número especial.
- SILVA, Dora Ferreira da. Fim e começo. Convivium, São Paulo, 16 (3) 189-93, mai/jun.1972. Número Especial.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Obras completas. São Paulo, Instituto Brasileiro de filosofia, 1964-66.2v.935 p.
- \_\_\_\_\_. Taylor Richard. Metafísica. Rio de Janeiro, Zahar, 1969. 143 p.
- TOBIAS, José Antônio, história das ideias estéticas no Brasil. São Paulo, Grijalbo, 1967.204 p.
- VARGAS, Milton. O jovem Vicente Ferreira da Silva. Convivium, São Paulo, 16 (3): 194-201, mai/jun. 1972. Número especial.
- VAZ, Enrique. O pensamento filosófico no Brasil de hoje. In: franca, Leonel. Noção de História da filosofia. 18a. Ed. Rio de Janeiro, Agir, 1965. P.345-373.
- VELLOSO, Arthur Versiani. Acerca do ensino da filosofia no Brasil. In: congresso brasileiro de filosofia, 1º, São Paulo, 1950. Anais... São Paulo, Instituto Brasileiro de filosofia, 1950.p.87-99.
- VERBUM, bibliografia filosófica brasileira. Período contemporâneo(1931-1971). Rio de Janeiro, 1 (3-4), set/dez. 1972
- VERNANT, Jean- Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo, Difusão europeia do Livro/ USP, 1973.322 p.
- VITA, Luis Wachington. Antologia do pensamento social e político no Brasil. São Paulo. Grijalbo, 1969.p.13/29, 135/146
- \_\_\_\_\_. A filosofia no Brasil, São Paulo, Martins, 1950
- \_\_\_\_\_. Tendências do Pensamento Estético contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1967.p.150-158.
- WAHL, Jean. Introducion a La filosofía. 5. Ed. México, Fondo de cultura Económica,1967. 378p.

\_\_\_\_\_. Les philosophies de l'existence. Paris. Armand Colin, 1954. 174 p.

\_\_\_\_\_. Tratado de metafísica. México, Fondo de Cultura Económica, 1960. 687p.